

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

FERNANDA CARITO

VIOLÊNCIA E PRECONCEITO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE FILMES DA DISNEY

SÃO PAULO

2011

FERNANDA CARITO

VIOLÊNCIA E PRECONCEITO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE FILMES DA DISNEY

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito para a obtenção do diploma de formação no curso de Psicologia.

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Vânia Conselheiro Sequeira

São Paulo

2011

VIOLÊNCIA E PRECONCEITO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE FILMES DA DISNEY

Fernanda Carito
Orientadora: Profª Dra. Vania C. Sequeira

A Escola de Frankfurt tem como um de seus principais conceitos, a indústria cultural, que diz respeito aos veículos de comunicação de massa e seu caráter mercantil aceito pela sociedade sem resistência por, supostamente, suprir as necessidades dos indivíduos. Além disso, eles paralisam o pensamento crítico de seus consumidores e reproduzem a ideologia vigente. Com a expansão da indústria cultural, o alvo, que inicialmente eram os trabalhadores, passou a ser, também, as crianças e, assim, tendo os desenhos animados como um dos seus principais produtos. Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo realizar uma análise crítica de filmes da Walt Disney Pictures, sob a perspectiva da violência e do preconceito. A relevância dessa pesquisa está no fato de essas animações serem divulgadas sob o caráter de entretenimento infantil, além de serem muito populares e da escassez de pesquisas desse cunho. Para sua realização, foram escolhidos aleatoriamente nove desenhos animados dessa indústria cinematográfica, que foram assistidos e detalhadamente resumidos para serem detalhadamente analisados à luz da Teoria Crítica da Sociedade. Com base na análise de dados, foi possível constatar que todos os filmes assistidos apresentaram cenas em que a violência se manifestou sob suas diversas faces. No que diz respeito ao preconceito, esse pôde ser observado em seis dos nove filmes analisados. Dessa forma, conclui-se que os desenhos animados como produtos da indústria cultural apresentam violência e preconceito, mesmo que de forma velada. Além disso, os filmes também podem ser observados como reprodutores da ideologia vigente, facilitando a naturalização da violência e do preconceito, indicando que a realidade está fadada a ser dessa forma. Nesse contexto, infere-se que sem a percepção e reflexão acerca desses conteúdos, a violência e o preconceito podem ser introjetados como elementos naturais, o que pode agir em prol da perpetuação da barbárie, e não de seu combate.

Palavras chave: violência, preconceito, desenhos infantis; teoria crítica

e-mail: fer_iw@hotmail.com (autor)
vania.sequeira@mackenzie.com.br (orientadora)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1 A Escola de Frankfurt.....	6
2.2 Ideologia	7
2.3 Educação.....	9
2.4 Indústria Cultural	12
2.6 Preconceito	34
3. OBJETIVO	42
4. MÉTODO	42
5. DADOS	43
5.1 A Bela e a Fera (1991).....	43
5.2 A Dama e o Vagabundo (1955).....	45
5.3 Alice no País das Maravilhas (1951).....	46
5.4 As Aristogatas (1970).....	50
5.5 Cinderela (1950).....	53
5.6 Hércules (1997)	55
5.8 O Corcunda de Notre Dame (1996).....	61
5.9 O Rei Leão (1994).....	64
6. ANÁLISE DE DADOS	68
7. CONCLUSÃO.....	77
8. REFERÊNCIAS	80

1. INTRODUÇÃO

A Escola de Frankfurt foi fundada em 1924, a partir da ideia de Félix Weil e contava com a participação de pensadores como Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Franz Neumann, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, Friedrich Pollock e Karl Wittfogel (MATOS, 1993).

Os principais marcos para seu início foram, basicamente, a ascensão do nazismo, a Segunda Guerra Mundial, o “milagre econômico” no pós-guerra e o stalinismo, além da oposição aos pensamentos de identidade e de não contradição. Os conceitos formulados pelos frankfurtianos se baseavam em pensamentos filosóficos já conhecidos, porém eram colocados em tensão com a realidade de sua atualidade (MATOS, 1993).

Desse modo, a partir dos fundamentos de Marx, Hegel e Kant, os frankfurtianos passaram a questionar os conceitos de teoria e de dialética, devido ao fato de considerarem que as teorias haviam sido convertidas em ideologia, sendo utilizadas para elaborar estratégias políticas e de coesão social (MATOS, 1993).

O conceito de ideologia é aqui compreendido como uma forma específica de imaginário social que tem como principal função generalizar o particular e esconder as diferenças entre as classes de forma que essas passem a ser compreendidas como resultados da civilização. Sua eficácia se encontra no fato de a ideologia se apresentar como um discurso completo e incontestável que dificulta a reflexão acerca das contradições presentes na sociedade e, consequentemente, fortalece a classe dominante (CHAUÍ, 2000)

A ideologia é reproduzida de diversas formas, porém uma delas é pela indústria cultural. A indústria cultural remete às revistas, jornais e outras produções consideradas culturais. Esses produtos são vendidos sob a ótica de proporcionarem aos homens tudo o que eles precisam, o que faz com que sejam aceitos sem nenhuma resistência, submetendo o indivíduo ao poder do capital. Suas produções também são comercializadas de acordo com a classe social do sujeito, delimitando produtos para as classes consideradas superiores e consideradas inferiores, mesmo que esses sejam extremamente parecidos e, às vezes, até iguais (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Um dos produtos mais consumidos são as obras cinematográficas, que trazem ao espectador inúmeras ideias e cenas, sem proporcionarem a ele a reflexão, paralisando o pensamento. Além disso, também trazem vivências de fracassos e dores, como uma forma de acostumá-lo ao seu cotidiano, mas, mesmo assim, são consideradas (as

obras cinematográficas) como uma forma de lazer e descanso (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Esses aspectos ressaltados parecem remeter à ideologia que, quando difundida pela indústria cultural, reproduzem ideias de forma livre, pois conforme afirmado anteriormente, não há resistência e, desse modo, parece divulgar seus produtos como verdades e necessidades absolutas. A televisão, revistas e filmes exibem diversas situações sob caráter de normalidade, o que parece facilitar a perpetuação de diversos valores e costumes, fortalecendo a ideologia e, conseqüentemente, o *status quo* (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Uma das situações que podem ser divulgadas pela indústria cultural é a violência, que pode ser compreendida como o impedimento da manifestação da singularidade de um indivíduo, tanto por meios físicos quanto psíquicos (CHAUÍ, 1982), manifestações de agressividade que remetem ao totalitarismo (ADORNO, 2006b), ou seja, manifestações do instinto de morte (MARCUSE, 1975). Além do preconceito, designado como manifestações de estranhamento ou rejeição frente a alguém que apresente alguma característica que, por algum motivo, incomoda (CROCHÍK, 2006).

Devido à aparente escassez de trabalhos científicos que visa analisar desenhos animados atrelados à temática da violência, a presente pesquisa teve como objetivo central analisar, a partir do referencial da Teoria Crítica, algumas das animações da indústria cinematográfica Walt Disney Pictures sob a perspectiva da violência e do preconceito, partindo-se da hipótese de que essas podem apresentar cenas violentas e que também remetem ao preconceito. Para tal, optou-se por 09 filmes escolhidos aleatoriamente, sendo esses: A Bela e a Fera (1991); A Dama e o Vagabundo (1955); Alice no País das Maravilhas (1951); As Aristogatas (1970); Cinderela (1950); Hércules (1997); Mulan (1998); O Corcunda de Notre Dame (1996); e O Rei Leão (1994). A partir dos resumos desses filmes, realizou-se a análise deles atrelados aos assuntos abordados, sendo violência, preconceito e ideologia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Escola de Frankfurt

A Escola de Frankfurt, como é conhecida atualmente, teve seu início em 1924, a partir da iniciativa de Félix Weil. No entanto, esse nome apenas passou a ser utilizado em meados de 1950. Inicialmente, se pensou denominar Instituto para o Marxismo, porém após a desistência por essa nomenclatura, optou-se por Instituto para a Pesquisa Social, no qual participavam pensadores como Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Franz Neumann, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, Friedrich Pollock e Karl Wittfogel. Os fatores considerados marcos para a elaboração da Teoria Crítica da Sociedade foram a ascensão do nazismo, a explosão da Segunda Guerra Mundial, o “milagre econômico” no pós guerra e o stalinismo, além da oposição aos pensamentos de identidade e de não contradição. Para tal, os pensadores participantes incorporavam os pensamentos filosóficos considerados “tradicionais”, mas os colocavam em tensão com a realidade do mundo em que viviam. (MATOS, 1993)

A partir dos fundamentos de Marx, Hegel e Kant, os frankfurtianos, ou seja, os participantes da Escola de Frankfurt passaram a questionar os conceitos de teoria e de dialética, pois consideravam que essas teorias haviam sido convertidas em ideologia, considerando que estavam sendo utilizadas para elaborar estratégias políticas e de coesão social. Suas idéias se baseavam na desilusão e ceticismo causados pelas mudanças do mundo contemporâneo no que dizia respeito aos engajamentos políticos que estavam surgindo e sendo adotados. Esses pensadores aspiravam por uma sociedade constituída por indivíduos autônomos, capazes de pensar de forma independente e, por esse motivo, empreenderam uma teoria crítica radical acerca daquela época, devido ao fato de não se conformarem com as diversas análises que explicavam a vitória do nazismo sobre as esperanças e idéias revolucionárias daquele tempo. (MATOS, 1993)

Explicações criadas na época como a inflação vista como início do expansionismo alemão e o militarismo como produto da humilhação sofrida pelos alemães devido à perda da Primeira Guerra Mundial foram reconhecidas, mas, entretanto, estas não foram consideradas suficientemente eficazes para explicar os fenômenos sociais e econômicos daquele tempo, como a vitória e ascensão do totalitarismo. (MATOS, 1993)

Desta forma, a explicação formulada pelos frankfurtianos a respeito do totalitarismo se embasa na palavra *Razão* e parte do pressuposto a racionalidade científica que passa a ser utilizada no âmbito social traz consigo a pura irracionalidade, por se tratar de um método que

pretende universalizar e unificar aspectos que não cabem às metodologias científicas, como a realidade dinâmica social. As teorias sociais só podem ser consideradas coerentes e conexas se são capazes de considerar as transformações constantes existentes na sociedade. (MATOS, 1993)

Para que seja possível compreender a teoria formulada por esses autores, se mostra necessária a compreensão, ainda que prévia, acerca da ideologia, o que será exposto a seguir.

2.2 Ideologia

Segundo Chauí (2000), a ideologia pode ser considerada como uma forma específica do imaginário social moderno, sendo necessária para que os agentes sociais possam representar para si mesmos os aparatos sociais, econômicos e políticos. Além disso, também é uma forma imediata abstrata de apresentar o processo histórico como uma distorção do real.

[...] o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante. (CHAUÍ, 2000, p.2)

Ou seja, a ideologia se torna forte e coerente generalizando o particular e camuflando as diferenças, se mostrando como um discurso incontestável e completo, apesar das muitas contradições que poderiam ser percebidas se houvesse reflexão. Dessa forma, é possível inferir que são exatamente as lacunas no discurso que aumentam a veracidade do que está sendo dito. Assim, segundo a autora, o produto da ideologia se revela pelo fato de, ao invés de as ideias estarem nos indivíduos e em suas relações, são eles que estão presentes nas ideias (CHAUÍ, 2000).

A ideologia não tem história, ou seja, as mudanças que ocorrem no discurso ideológico ocorrem por intermédio e outra história que, devido à própria ideologia, é escondida pela classe dominante sem que ninguém perceba. Além disso, é possível inferir que a tarefa básica da ideologia consiste em produzir a imagem do tempo como gerador do progresso e do desenvolvimento, fazendo com que não haja o risco do enfrentamento efetivo da história (CHAUÍ, 2000)

A fim de explicar melhor a contradição que há na ideologia, a autora propõe uma diferenciação entre o conceito de saber e o conceito de ideologia (CHAUÍ, 2000).

O saber diz respeito a um trabalho e, por ser um trabalho, indica que há uma negação que possibilita a transformação de algo que lhe é externo e resistente. Ou seja, é por

intermédio do saber que uma experiência de não-saber pode ser clarificada e ser elevada a um conceito. Só há saber quando há reflexão (CHAUÍ, 2000).

Desta forma, para que a ideologia seja eficaz, é necessário que faça movimentos peculiares em direção à ausência de reflexão, como o ocultamento de todas as contradições inerentes a ela. Se esses movimentos são bem sucedidos (e o são) a ideologia pode assumir caráter dominante, excluindo todas as interrogações sobre o presente, fixando definitivamente a ordem estabelecida. “[...] na ideologia, as ideias estão fora do tempo, embora a serviço da dominação presente.” (CHAUÍ, 2000, p.4)

Assim, é possível perceber que a diferença entre o saber e a ideologia está no fato de que o saber é produto de um trabalho, enquanto a ideologia se refere à ideias que assumem o papel de conhecimento, são ideias instituídas (CHAUÍ, 2000).

A partir da elaboração da ideologia, surge um conjunto de representações, normas e juízos através dos quais sujeitos sociais e sujeitos políticos representarão a sociedade e a si mesmos. A partir desse conjunto, as explicações sobre a origem da sociedade, das relações, do poder político e do que é certo e errado encontrarão respaldo em conceitos gerais, como o de Pátria, Família e Ciência, justificando, assim, a desigualdade, os conflitos e a dominação como “naturais e normais” e justas (sob o ponto de vista dos dominantes) ou injustas (sob o ponto de vista dos dominados) (CHAUÍ, 2000).

A operação ideológica, então, tem a função de mostrar as diferenças e divisões de classes como meras diversidades geradas pelas condições de vida de cada um, pois se essa divisão fosse assumida, a classe dominante teria, necessariamente, que se incluir em uma dessas classes sociais, o que resultaria na impossibilidade de se colocar como representante da sociedade como um todo, ou seja, o discurso ideológico cria um imaginário de identificação social que leva a crer na universalidade das coisas e os aspectos que ele oculta se mostram necessários para a manutenção do poder. “O discurso ideológico é um discurso feito de espaços em branco, como uma frase na qual houvesse lacunas.” (p.20) No entanto, são exatamente essas lacunas que tornam o discurso ideológico tão coerente para as pessoas (CHAUÍ, 2000)

No que diz respeito ao reforço da ideologia, Marilena Chauí (2000) afirma que esse se dá, a princípio, devido ao caráter imediato das experiências, que não proporcionam reflexão, porém o aspecto mais importante disso se encontra na homogeneidade que a ideologia faz parecer que há na sociedade, fazendo desaparecer o temor da desagregação, indicando que o grande reforço da ideologia se encontra na racionalidade e no lugar supostamente natural que o indivíduo crê ter na sociedade. Essa racionalização acerca de a sociedade ser igualitária

vem, segundo a autora, da importância de se mascarar a violência que a dominação traz em si, agindo de acordo com o pressuposto de que as ocorrências não se tratam de violência, mas sim de uma consequência natural trazida pela sociedade. Ou seja, a ideologia faz com que a dominação e a violência inerente a ela sejam naturalizadas. Desse modo, a concepção de que o Estado representa toda a sociedade se apresenta como uma das maiores formas de reafirmar a dominação das massas e a ideologia passa por dois ocultamentos, sendo o primeiro a respeito da divisão de classes e, o outro, a respeito da dominação de uma classe sobre as demais (CHAUÍ, 2000).

No que diz respeito à ideologia e sua reprodução através dos produtos da indústria cultural, Adorno e Horkheimer (1973b) afirmam que a produção da identificação das massas com as normas e valores que regem a indústria cultural faz com que qualquer vestígio de discordância seja imediatamente punido, indicando um “adestramento para o conformismo” (p.202) em que a própria ideologia, através da imagem pseudo realista que passa, impede que os produtos possam ser vistos como uma forma de controle social. Assim, quanto mais as produções culturais são adaptadas às supostas necessidades dos homens, mais esses terão a ilusão de que encontraram algo com que se identificar.

A televisão, assim como os outros veículos de comunicação, exibem diversos tipos de situações sob o véu da normalidade, como cenas que mostram famílias felizes, vidas que são voltadas apenas para o sucesso profissional e, até mesmo, cenas que mostram intensa violência, facilitando a perpetuação dos valores e de tudo o mais que é visto, como se aquela fosse a única realidade possível. Ou seja, a ideologia na indústria cultural parece fazer com que a condição vigente seja mantida sob o caráter de confirmação do existente, destruindo toda a possibilidade de mudança e de crítica. Desse modo, a ideologia pode ser vista como mantenedor dos comportamentos e ideias que são considerados adequados ao *status quo*, assegurando que as coisas apenas são o que são (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

2.3 Educação

A ideologia, como exposto anteriormente, utiliza meios para se reproduzir e atingir a toda a população sob as mais diversas formas e uma delas é, sem dúvida, a educação.

Segundo Adorno (2006), falar sobre a existência de uma ameaça de regressão à barbárie não faz sentido quando o que aconteceu em Auschwitz significou a própria regressão e tal barbárie continuará presente enquanto ainda persistirem as condições que a tornaram possível. (ADORNO, 2006)

Assim, apesar de a importância da educação mudar de acordo com seu momento histórico, a exigência de que situações como Auschwitz não ocorram novamente deve ser o principal objetivo da educação. Contudo, a pouca consciência percebida em relação a tal exigência e os questionamentos acerca disso provam que todo o horror vivido na época do nazismo não marcou profundamente às pessoas como deveria devido a tamanho horror, o que é considerado como um sintoma da possibilidade do retorno dos campos de concentração, no que depender do estado de consciência e de inconsciência da humanidade e da cega identificação com o coletivo. (ADORNO, 2006)

Segundo o autor, uma das maiores problemáticas relacionadas à Auschwitz diz respeito ao nacionalismo exacerbado, o que remete ao fenômeno citado anteriormente de identificação incondicional com o coletivo, fazendo com que seja necessário que a educação encontre formas de combate a isso, provavelmente clarificando o sofrimento que essa necessidade de ser igual pode trazer ao sujeito. Um exemplo desse sofrimento diz respeito aos trotes, comuns à vida escolar de muitas pessoas e que, diversas vezes, infligem ao indivíduo dores físicas e grandes humilhações psicológicas. (ADORNO, 2006)

Dessa forma, a maneira encontrada por Adorno para que seja possível começar a haver uma contraposição a barbárie diz respeito à luta contra a total ausência de consciência e ao poder cego dos coletivos, evitando que as pessoas “golpeiem para os lados” sem refletirem sobre si mesmos e sobre o significado de suas atitudes. Para tal, a utilização da educação como uma direção a reflexão crítica se mostra imprescindível. É necessário que se ensine as crianças a se horrorizarem e se envergonharem com a violência e não se acostumem com ela. (ADORNO, 2006b)

Contudo, segundo Zanolla (2010), a atual cultura aceita a violência como uma parte do cotidiano, falseando e mascarando a barbárie contida nas mais diversas atitudes, como, por exemplo, as ofensas no trânsito, tão rotineiras que passam a ser compreendidas como normais. Além disso, também é possível observar a existência da barbárie na própria educação mediada pela autoridade. (ADORNO, 2006)

A educação tradicional cultua a severidade como um valor incontestável aos indivíduos que deseja formar, considerando viril àquele que suporta a dor, independente do quão voraz essa seja. Essa tolerância à dor, no entanto, pode ser também compreendida como uma clara versão do masoquismo, que facilmente pode ser confundida com o sadismo. Afinal, àquele que se mostra rígido consigo mesmo se percebe no direito de agir da mesma forma com as pessoas de seu convívio social, apresentando uma total indiferença à dor em geral,

tendendo a se vingar de tudo aquilo que sempre sentiu, mas que foi obrigada a reprimir (ADORNO, 2006).

A repressão da dor e do medo pode trazer grandes efeitos colaterais no indivíduo, como desenvolver uma grande tendência ao sadismo. Dessa forma, para que os fantasmas dos campos de concentração possam efetivamente ser afastados, é importante que se institua uma educação que não valoriza a dor, nem tampouco a capacidade de suportá-la. Além disso, é necessário que se dissolva qualquer vestígio da autoridade não esclarecida, principalmente na primeira infância, pois essa medida pode ser uma das principais a ser tomada no processo de eliminação da barbárie (ADORNO, 2006).

“Bem e mal são valores contraditórios, mas são importantes para que as crianças possam vivenciar e elaborar o medo como condição de sobrevivência social. Isso possibilita à criança lidar com a frustração e o limite diante da satisfação de necessidades ou da renúncia aos seus instintos mais agressivos.” (ZANOLLA, 2010, p.121).

A educação deve assumir o papel de produtora de uma “consciência verdadeira” (ADORNO, 2006, p.141) que pode ser caracterizada pelo pensar em relação à realidade e ao conteúdo apresentado, e não apenas como uma etapa do desenvolvimento lógico formal. O pensar deve ser considerado como uma experiência intelectual, aonde pode haver um embate entre tese e antítese, ou seja, uma reflexão acerca dos conteúdos apresentados. Assim, a educação para a experiência se mostra idêntica à educação para a emancipação (ADORNO, 2006c).

Assim, a educação deveria ser aquela que facilita a democracia no seu sentido real, que visa indivíduos pensantes e, conseqüentemente, emancipados. Logo, uma sociedade na qual a educação favorece a reflexão e o pensamento gera uma sociedade emancipada e realmente democrática (ADORNO, 2006).

“A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse produzindo nada além de well adjusted people, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior [...]” (ADORNO, 2006, p.143)

Outro aspecto relevante, diz respeito à questão da utilização e dos efeitos da televisão no processo de formação do indivíduo, discutida por Adorno e Becker (2006), mediada por Kadelbach, no texto “Televisão e Formação”.

Segundo Adorno (2006a), a televisão pode ter duas utilizações distintas na formação: uma, enquanto servidora direta do processo de formação cultural, ou seja, trabalhando com fins pedagógicos e divulgando informações de esclarecimento; e outra, exercendo a função de facilitadora de uma formação “deformativa” da consciência do sujeito, contribuindo com a divulgação das ideologias para a massa.

Para o autor, o conceito de formação é pode ser amplamente diferenciado do de informação. Desse modo, é possível inferir que a televisão transmite informações e fatos concretos, mas nem sempre proporciona uma reflexão acerca de tais fatos, o que resultaria em uma real formação (ADORNO, 2006).

A televisão parece impor valores e dogmas às pessoas como inquestionáveis e absolutamente corretos, além de apresentar um caráter ideológico formal que, assim como os outros veículos de comunicação em massa, são recebidos como a única forma de consciência. Enquanto isso, a real formação consistiria em facilitar o pensamento acerca dos juízos, para que eles pudessem assumir uma ideia própria a seu respeito, independente e autônoma (ADORNO, 2006).

Desta forma, é preciso ensinar os espectadores como utilizar a televisão, ou seja, como assistir a tevê sem ser absorvido por ilusões e se subordinar às ideologias. Contudo, isso só pode ocorrer se a população puder refletir sobre aquilo que é visto e criar próprias ideias a partir do que recebe, rejeitando os estereótipos e os conceitos pré estabelecidos. Assim, a televisão deveria representar um avanço na formação cultural do indivíduo e, não, um retrocesso como faz parecer (ADORNO, 2006).

Assim, a educação voltada para a reflexão e para a emancipação pode ser compreendida como uma grande alternativa para que uma real democracia se instaure e possa vencer a ignorância humana que resulta em violência e em barbárie (ADORNO, 2006).

Nesse contexto, faz-se imprescindível a exposição do conceito de indústria cultural, visando compreender seu papel na ideologia e na educação.

2.4 Indústria Cultural

O conceito de Indústria Cultural foi inicialmente exposto por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer em meados dos anos quarenta do século passado, com o intuito de tentar compreender as produções e reproduções sociais enquanto mercadorias culturais (VAZ,

2003). As mídias da indústria cultural abrangem o cinema, o rádio, as revistas, os jornais e todas as outras produções consideradas culturais (ADORNO e HORKHEIMER, 1985). Segundo os pensadores da Teoria Crítica, a cultura de massa se apresenta como uma negação da cultura democrática, pois se trata de uma democracia, não há como referir-se a ela como algo massificado, pois na democracia não há espaço para indivíduos iguais e reprodutores de ideologias, mas sim sujeitos conscientes e pensantes (CHAUÍ, 2000)

Partindo desses conceitos, é possível observar que apenas a própria denominação “cultura” já se mostra contraditória em si mesma, pois, a partir do momento em que alguma produção é denominada “cultural”, já tem em si “o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1975, p.108), ou seja, reduz a atividade ao coletivo e à padronização.

Os autores afirmam que essas produções midiáticas não têm mais a necessidade de se apresentar como arte, definindo a si próprias como indústrias (indústria cinematográfica, por exemplo) assumindo, assim, o caráter de negócio que possuem.

As mídias constituem um sistema coerente entre si, que apresentam em suas produções a padronização dos bens de consumo que, teoricamente, é o resultado das necessidades da população e, por isso, é aceito pelos indivíduos sem nenhuma resistência. Além disso, a grande lucratividade que alcançam faz com que a necessidade social de suas produções não seja colocada a prova, afinal, se há esse grande número de vendas, é porque traz algum benefício à sociedade. E, assim, se constitui o “o círculo da manipulação e necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.100) que é capaz de submeter o indivíduo ao total poder do capital.

Esta coesão, no entanto, significa que o lugar que a técnica conquista na sociedade, é, na verdade, o espaço conquistado pelos economicamente mais poderosos podem exercer seu poder na sociedade. Ou seja, a racionalidade técnica imposta aos homens é a racionalidade da própria dominação, é o caráter de uma sociedade alienada em si mesma. Nenhuma necessidade do indivíduo escapa ao controle central da indústria cultural – o homem precisa apenas daquilo que a indústria pode lhe proporcionar (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

No entanto, o real poder não pertence à indústria cultural e às suas produções, mas, sim, às indústrias de ferro, aço, petróleo, eletricidade e química. Assim, se a indústria cultural não quer ser alvo de ataques que possam lesá-la, devem imediatamente submeter-se aos reais detentores do poderio, concordando e difundindo suas ordens e princípios (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Atendendo sempre à ordem econômica estabelecida pelos mais fortes, as distinções entre filmes considerados de categoria A ou B, assim como as revistas de maior ou de menor preço e até mesmo os carros, tem muito mais a ver com a hierarquia imposta aos consumidores do que com o conteúdo ou qualidade que apresentam. É como se o indivíduo devesse apenas consumir aquilo que faz jus ao seu status e à sua colocação social e a variedade dos produtos existisse apenas para causar uma falsa ilusão de possibilidade de escolha (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Dessa forma, não há nada mais que o consumidor possa classificar. Os produtos apenas divergem em sua aparência, mas não em seu conteúdo. Os detalhes são facilmente substituídos, mas a essência permanece a mesma. A compreensão do fracasso pelo protagonista; o compasso das músicas de sucesso; o final feliz posterior a uma história de sofrimentos: esses e outros clichês são empregados em diversos tipos de produções, atendendo sempre à finalidade inicial que possuem, a de ideia abrangente, que possibilita o estabelecimento da ordem social. Em cada manifestação cultural, as pessoas são reproduzidas tais como foram modeladas pela indústria, devido à tradução estereotipada até mesmo daquilo que ainda não foi pensado (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Outro aspecto importante de ser ressaltado é a ideia de universalidade que a arte traz em si, colocando as formas existentes como absolutas. Dessa forma, “a pretensão da arte é sempre ao mesmo tempo ideologia” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.108)

A lógica da ideia abrangente também se mostra presente na linguagem e no idioma, que também passam a ser tecnicamente condicionados, para que o povo consiga introduzir os jargões criados em sua fala cotidiana. Há, ainda, o cinema, no qual, devido aos constantes aperfeiçoamentos das técnicas, o espectador percebe sua vida e seu cotidiano como a continuidade do filme que acabara de assistir, atendendo à ilusão de que “o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985 p.104).

[...] o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade.
(ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 104)

Desta forma, os filmes paralisam as capacidades criativas dos homens em virtude de sua constituição extremamente objetiva. Proíbem a atividade intelectual do espectador para

que este não perca nenhum dos movimentos, falas e efeitos especiais que passam rapidamente frente a seus olhos (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Essa paralisação das capacidades criativas, assim como a coesão social e a redução dos indivíduos à semelhança podem ser consideradas manifestações da violência industrial, que se instalou nos homens de uma vez por todas, fazendo com que, desta forma, os produtos da indústria cultural sejam aceitos sem nenhum resquício de resistência. Diferente dos senhores de antigamente, que não proporcionavam nenhum vestígio de liberdade para o pensamento distinto dos deles, a cultura supostamente permite essa liberdade, mas concomitantemente a ela, traz a ameaça de exclusão social e pune àqueles que não se conformam com a impotência econômica, rapidamente transformada em impotência social, pois a exclusão da atividade industrial faz com que o indivíduo seja visto como incompetente para a sociedade. Desta forma, só é possível sobreviver de forma socialmente satisfatória, integrando-se (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

No que diz respeito à diversão que o indivíduo pode ter em seu tempo livre, é possível afirmar que até mesmo essa remete à indústria cultural, considerada também como a indústria da diversão. O lazer que vende facilita o exercício de seu controle sobre os homens devido à diversão que oferece. “[...] o poder da indústria cultural provem de sua identificação com a necessidade produzida [...]” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.113). Ou seja, quando o homem possui tempo livre, sente que precisa ter lazer e se divertir e, nesses momentos, a indústria cultural apresenta supostamente o que ele realmente precisa, oferecendo-lhes diversos produtos, como os filmes que passam no cinema. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985)

A diversão também pode ser compreendida como uma extensão do trabalho, já que é procurada por àqueles que buscam algo que possa fazer com que eles tenham novamente condições de trabalhar e produzir tanto quanto se acredita que seja necessário. Só é possível se desligar do trabalho e da produção se adaptando a ele durante os momentos de ócio. Entretanto, para caracterizar a diversão e o prazer, o sujeito não deve ter a necessidade de pensar por si mesmo e nem de fazer nenhum esforço intelectual e, tendo a ideia de que, se pensar, não estará descansando. Sendo assim, o produto prescreve toda reação que ele deve ter por meio dos sinais que passa ao espectador, tais como as trilhas sonoras dos filmes de suspense – a música já aponta quando quem assiste deve sentir medo ou tensão. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985)

Outro exemplo importante se refere aos filmes de animação, que assumem caráter humorístico e que fazem rir, mesmo quando, na verdade, o que as cenas mostram são as

personagens sofrendo agressões e humilhações. Neste caso, “a diversão organizada converte-se na qualidade da crueldade organizada.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.114). Os protagonistas dos filmes passam por tais vivências para que o indivíduo possa se acostumar com a sua própria desgraça e passe a rir daquilo que, na verdade, é trágico. E, assim, os espectadores passam a ter em suas cabeças que a realidade da condição de vida diz respeito exatamente ao desgaste contínuo e ao esmagamento da resistência individual. “O prazer com a violência infligida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.114)

E, assim, a indústria cultural segue fazendo promessas de prazer e diversão aos seus consumidores, vendendo enredos que apenas mostram o que nunca será possível alcançar na realidade, como o grande sucesso e riqueza posterior a uma vida de fracassos e humilhações, apresentando a satisfação como uma promessa, que Adorno e Horkheimer (1985) denominam “sublimação estética”. “Cada espetáculo da indústria cultural vem mais uma vez aplicar e demonstrar de maneira inequívoca a renúncia permanente que a civilização impõe às pessoas. Oferecer-lhes algo e ao mesmo tempo privá-las disto é a mesma coisa.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.116) Desse modo, a questão não gira em torno da promessa de diversão, mas sim do caráter comercial que é delegado a ela, assim como aos clichês ideológicos quase que inerentes a ela.

No que diz respeito à diversão, Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que o verbo divertir significa estar de acordo, e, conseqüentemente, não refletir acerca do que está sendo visto, assim como se esquecer do sofrimento que está sendo vivenciado. Divertir-se, então, está relacionado com uma fuga, não apenas da realidade, mas da resistência à ausência de pensamento, da resistência à ausência de reflexão.

Novamente sobre a ideologia, os autores afirmam que ela está escondida nas probabilidades que são observadas ao se falar sobre a sorte de se alcançar a felicidade e a riqueza, sorte essa que chega para muito poucos. Ao se assistir uma pessoa de classe média alcançar o sucesso, automaticamente se entra em contato com as poucas possibilidades existentes de isso acontecer, o que resulta na eterna concepção de que a sorte poderia vir, porém nunca vem (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Assim, é possível afirmar que a indústria cultural só tem verdadeiro interesse pelo indivíduo se esse for seu consumidor ou seu empregado, ou seja, são apenas objetos que reforçam a ideologia dominante em que o homem, ora é empregado, ora é senhor (porém apenas enquanto está consumindo). Nesse contexto, se percebe que a ideologia é extremamente vaga e questionável, mas nem por isso se enfraquece. Muito pelo contrário, sua

vagueza parece reforçá-la, possibilitando que a ideologia siga exercendo seu papel de instrumento da dominação (ADORNO e HORKHEIMER, 1985)

Sobre o cinema, infere-se que ele atua como uma instância de “aperfeiçoamento moral” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 126) possibilitando que as massas não se rendam aos impulsos agressivos, sendo convencidos a agir como aquela personagem do cinema que se comporta de forma irreparável, agindo exatamente da forma que o sistema permite, ou seja, sob seus moldes, podendo, assim, e apenas assim, atingir uma suposta felicidade (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

No entanto, não apenas os adultos são consumidores dos produtos da indústria cultural. Se, antes, os operários eram considerados como consumidores alvo, com o desenvolvimento da indústria cinematográfica, as crianças também passaram a ser visadas, por intermédio dos desenhos animados. A Walt Disney Pictures pode ser considerada como uma das maiores indústrias desse setor, se não a maior, porém apesar de seus produtos serem destinados ao público infantil, seus filmes também são transmissores de cultura e, conseqüentemente, de ideologia (MACHADO e LEAL, 2008).

Assim, pensando na violência e no preconceito como aspectos ideológicos da civilização, cabe expor melhor esses conceitos.

2.5 Violência

De acordo com Marilena Chauí (1982) há violência quando um indivíduo ou uma instituição impede a manifestação da singularidade de outra pessoa se utilizando de meios físicos ou psicológicos. Ou seja, segundo a autora, a violência não pode ser definida apenas como agressões físicas ou verbais, mas também como movimentos que procurem coagir o indivíduo, tal como fazê-lo desistir de se manifestar em sua singularidade. No entanto, essa definição é pouca e, devido a isso, faz-se necessário um maior aprofundamento no tema.

A partir da obra “Eros e Civilização”, escrita por Marcuse (1975) infere-se que o conceito de homem formulado pela teoria psicanalítica se apresenta como a maior defesa à civilização ocidental e, ao mesmo tempo, a maior acusação, pois, segundo Freud, a história do homem é a história de sua repressão.

Assim, o autor afirma que a cultura coage sua existência social e biológica, tanto no ser humano quanto em sua estrutura instintiva. Tal fato ocorre, pois sem tal coação o progresso poderia ser inalcançável, já que, se atendessem a todos os seus instintos, o homem destruiria tudo, inclusive aquilo que torna os vínculos estáveis e possibilitam a conjugação da

espécie. A liberdade de atender aos instintos básicos é incompatível à preservação duradoura (MARCUSE, 1975).

O Eros incontrolado tem a mesma periculosidade do instinto de morte, pois sua força deriva da luta por uma gratificação que a cultura não é capaz de proporcionar. Ou seja, uma gratificação como um fim em si mesma, imediata e a qualquer momento. Por isso, os instintos devem ser desviados de seus reais objetivos (MARCUSE, 1975).

Dessa forma, é possível inferir que o primeiro passo para a constituição da civilização é o abandono do objetivo primário dos instintos, ou seja, o abandono da satisfação integral das necessidades. Quando isso ocorre, os impulsos animais passam a ser considerados humanos e modificados por entrar em contato com a realidade externa (MARCUSE, 1975).

Os instintos iniciais não passam por mutações, eles continuam em sua localização original. No entanto, os objetivos e manifestações são substituídos. Os mecanismos como a sublimação, identificação, projeção e introjeção, formulados pela psicanálise, indicam exatamente isso (MARCUSE, 1975).

Quando o homem entra em contato com seu momento sócio histórico, tem seus desejos moldados pela realidade, deixando de atender a impulsos animais para atender a impulsos considerados humanos. O homem abandona a necessidade da satisfação integral e imediata, a vida sem repressões e o prazer pelo adiamento da satisfação, restrição do prazer, produtividade, segurança e esforço. Isso é o que Freud denominou transformação do princípio de prazer para o princípio de realidade e corresponde em grande parte à diferenciação entre os processos conscientes e inconscientes (MARCUSE, 1975).

Com o estabelecimento do princípio de realidade, o ser humano possibilita que seu ego se torne organizado, que pode se esforçar para alcançar uma satisfação parcial, mas possível, que não prejudique a si mesmo, nem ao meio em que vive e adquire a função da razão, que possibilita que o homem seja pensante e predominantemente consciente de suas escolhas e da distinção entre o bem e o mal (MARCUSE, 1975).

No entanto, um aspecto do princípio de prazer permanece livre da razão. Esse aspecto é a fantasia, que segue intacta e possibilita que partes de seus instintos primários sejam liberadas por intermédio dos sonhos, atos falhos e chistes, por exemplo (MARCUSE, 1975).

Dessa forma, o autor afirma que a alteração da realidade e até mesmo os próprios desejos deixam de pertencer ao indivíduo, para ser organizados pela sociedade. Assim, tal organização reprime e altera os desejos e necessidades instintivos originais (MARCUSE, 1975).

Assim, se a ausência de repressão significa liberdade, é possível afirmar que a civilização segue um caminho oposto a tal liberdade. Além disso, Marcuse (1975) afirma que a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade pode ser considerada como um dos eventos mais traumáticos na história do indivíduo, pois interfere em seu desenvolvimento nos mais diversos âmbitos. Além disso, tal substituição acontece inúmeras vezes durante a vida, sendo a primeira pelo pai primordial, para depois haver a submissão ao princípio da realidade por intermédio dos pais e educadores e depois pelas instituições que o indivíduo entrar em contato.

Como o princípio de realidade deve ser instaurado sobre o homem em diversos momentos de sua vida, é possível pensar que, então, o triunfo sobre o princípio do prazer nunca pode ser considerado completo, pois o que a é reprimido e dominado continua presente na civilização. O inconsciente retém os objetivos vencidos pelo princípio da realidade e, assim, ocorre o retorno do reprimido, que compõe parte da história proibida da civilização. Assim, a exploração de tal história não revela apenas segredos dos indivíduos, mas, sim, da própria civilização em questão (MARCUSE, 1975).

A repressão pode ser considerada como um fenômeno histórico não imposto pela natureza, mas sim pelo homem e o pai primordial remete ao arquétipo da dominação, que faz com que se inicie um círculo vicioso de escravidão, rebelião e dominação reforçada, o que caracteriza a história da civilização (MARCUSE, 1975).

Dessa forma, a repressão externa sempre encontrou apoio na repressão interna, pois o indivíduo dominado acaba por introjetar as ordens que recebe em seu aparelho psíquico e assim se revela a dinâmica da civilização (MARCUSE, 1975).

O motivo apontado para a modificação dos objetivos dos instintos dos homens é apontada como a impossibilidade da sociedade de sustentar a vida de seus membros sem que eles trabalhem, assim, o número de membros é reduzido e a energia inicialmente sexual é deslocada para o trabalho (MARCUSE, 1975).

Segundo Marcuse, a explicação exposta acima se trata da maior racionalização para a repressão, considerando que até mesmo Freud se utiliza dela em sua teoria, pois considera “eterna” a luta pela existência, acreditando que os princípios de realidade e de prazer são sempre antagônicos, tornando a ideia da impossibilidade de uma civilização não repressiva como um dos pilares fundamentais de sua teoria.

No entanto, na obra de Freud também podem ser encontrados fragmentos que apontam para a transgressão da racionalização, como a ideia da exposição de conteúdos repressivos dos

valores e das realizações da cultura, negando a equação da razão com a repressão em que a ideologia da cultura é baseada (MARCUSE, 1975).

Segundo o autor, Freud ainda procurava sempre desvendar e investigar a associação constante feita entre civilização e barbárie, progresso e sofrimento, liberdade e infelicidade, “como uma relação entre Eros e Thanatos” (MARCUSE, 1975, p.37).

“Assim, a liberdade cultural surge-nos à luz da escravidão, e o progresso cultural à luz da coação. Por conseguinte, a cultura não é refutada: escravidão e coação representam o preço que deve ser pago.” (MARCUSE, 1975, p.37).

Freud também reivindica em seus escritos um estado no qual seja possível que necessidade e felicidade coincidam. No entanto, à medida que a liberdade é conquistada apenas pela satisfação de necessidades, esta é derivativa e comprometida e à medida que a felicidade significa a plena satisfação das necessidades, a liberdade na civilização se mostra antagônica, pois envolve a sublimação da felicidade (MARCUSE, 1975).

Apenas o inconsciente é o impulso para a gratificação completa, levando-se em consideração que é onde não há necessidades ou carências, nem tampouco repressão. “É a identidade imediata de necessidade e liberdade” (MARCUSE, 1975, p.38).

Outra função atribuída ao inconsciente é a da memória, que não pode ter sua função reduzida às finalidades terapêuticas, já que é nela que estão as promessas e potencialidades que são deixadas de lado pelo indivíduo civilizado, mas que podem ter sido satisfeitas em um passado remoto e jamais totalmente esquecidas (MARCUSE, 1975).

Assim, a libertação psicanalítica da memória faz emergir a racionalidade do indivíduo reprimido, e na medida em que isso ocorre, lembranças de imagens e impulsos proibidos da infância passam a mostrar as verdades que a razão nega, apresentando novos padrões críticos que podem ser tabus no presente. Dessa forma, a orientação acerca do passado tende a ser uma orientação para o futuro (MARCUSE, 1975).

Ainda no que diz respeito aos processos de repressão, Freud aponta que esses ocorrem de duas formas: forma ontogenética, que aponta para a evolução do homem reprimido desde a infância até sua consciência social; e a filogenética, que consiste na evolução da civilização repressiva desde os primórdios. No entanto, os dois planos estão inter-relacionados e essa noção se encontra clarificada na obra de Freud sobre o retorno do reprimido (MARCUSE, 1975).

Freud postula que o desenvolvimento da repressão ocorre na estrutura dos instintos do indivíduo. Assim, Marcuse (1975) indica que a luta pela liberdade e pela felicidade do homem é decidida na luta dos instintos, na qual participam natureza, civilização e psique.

Antes de iniciar sua reflexão acerca da temática que será discutida, Marcuse (1975) optou por fazer um breve resumo da obra de Freud.

A primeira ideia exposta pelo autor diz respeito ao fato de o aparelho mental se apresentar como uma união de opostos, como o inconsciente e a consciência; os processos primários e secundários; as forças herdadas, as constitucionalmente determinadas e as adquiridas; e a realidade psíquica e a realidade externa. Esses opostos ainda podem ser observados na formulação da teoria de id, ego e superego, mas o aspecto mais marcante é a oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade (MARCUSE, 1975).

A princípio, a teoria freudiana foi constituída a partir da oposição entre os impulsos sexuais e libidinais e do ego, que apontam para a auto preservação, além da oposição entre a pulsão de vida (Eros) e a pulsão de morte. Além disso, durante um período essa concepção dualista foi abandonada, passando a se utilizar a concepção de uma libido onipresente, que ficou conhecida como narcisismo (MARCUSE, 1975).

No entanto, independentemente das modificações realizadas na teoria freudiana, a sexualidade sempre esteve presente nas formulações acerca da estrutura instintiva do indivíduo. Afinal, se os processos mentais primários são controlados pelo princípio do prazer, então a sexualidade sempre esteve presente, como instinto de vida (MARCUSE, 1975).

Entretanto, segundo Marcuse (1975), o conceito de sexualidade formulado por Freud está muito distante do de Eros como instinto vital. A princípio, o instinto sexual se apresenta apenas como uma força agindo a par dos instintos de auto preservação do ego e é definido por ter gênese, intento e objeto específicos.

Assim, até a formulação do conceito de narcisismo, a obra de Freud se caracterizava por uma restrição do âmbito da sexualidade, restrição esta que foi mantida, mesmo apesar da grande dificuldade em verificar a existência independente de instintos não sexuais de auto preservação. Há um longo caminho a se percorrer até que se reconheça que os instintos não sexuais são também de natureza libidinal e uma parte do Eros (MARCUSE, 1975).

A descoberta da sexualidade infantil, assim como a das zonas erógenas do corpo, inicia o posterior reconhecimento dos componentes libidinais dos instintos de auto preservação e prepara o caminho para a reinterpretação final da sexualidade em termos de instinto de vida (Eros) (MARCUSE, 1975).

Na formulação final da teoria dos instintos, os instintos de auto preservação são dissolvidos de forma que sua função passa agora a ser vista como a dos instintos genéticos do sexo ou, conforme a auto preservação for realizada através da agressão socialmente útil, como uma atividade dos instintos de destruição. A partir dessa formulação, Eros e o instinto de

destruição passaram a ser concebidos como os dois instintos básicos. Assim se deu a descoberta da tendência regressiva e/ou conservadora em toda a vida instintiva, ou seja, a descoberta de uma compulsão inerente, na vida orgânica que visa recuperar um estado anterior de coisas que a entidade viva fora obrigada a abandonar, sob a pressão de forças externas (MARCUSE, 1975).

Os processos primários do aparelho psíquico, em sua batalha pela total gratificação, parecem estar vinculados ao esforço demasiado de toda a substância viva, ou seja, de regressar à quietude do mundo inorgânico. Ou seja, de certa forma, os instintos são atraídos para a órbita da morte. Assim, foi postulado que princípio do Nirvana emergia da tendência dominante da vida mental e nervosa em geral, sendo relacionado ao princípio de prazer, pois se observou que se há esforço para reduzir, manter ou eliminar a tensão proveniente dos estímulos (neste momento, o princípio do Nirvana), então sua expressão está totalmente relacionada ao princípio do prazer, o que faz reconhecer a existência dos instintos de morte (MARCUSE, 1975).

No entanto, a primazia do princípio de Nirvana foi deixada de lado. Eros é definido como a grande força unificadora que preserva a vida toda. A relação básica entre Eros e Thanatos mantém-se obscura, mas as hipóteses acerca de sua aproximação vão se fortalecendo. Constatou-se, então, que talvez o instinto de morte seja a destrutividade não apenas pelo interesse destrutivo, mas pelo alívio de uma tensão, como uma fuga inconsciente da dor e das carências (MARCUSE, 1975).

Visando uma melhor compreensão da questão do instinto de morte próximo ao Eros, Marcuse retoma as principais camadas da estrutura mental: o id; o ego; e o superego. Inicia discorrendo sobre o id, afirmando que essa é a maior e mais antiga instância do inconsciente. O id é isento das formas e princípios que constituem o ser social e civilizado, pois ignora valores e normas e não visa a auto preservação. O id atua em serviço da total satisfação das necessidades instintivas e age de acordo com o princípio de prazer (MARCUSE, 1975).

Assim, sob a influência do mundo externo, uma parte do id se desenvolve até formar o ego. O ego é o mediador que fica entre o id e o mundo externo, preservando sua existência. Tem a função de representar o mundo externo para o id e o proteger do total aniquilamento que seria resultado de sua luta pelo total prazer e que ignora os impulsos e normas externos. Além disso, o ego também tem como missão controlar os impulsos instintivos do id, a fim de reduzir ao mínimo seus conflitos com a realidade. O ego colabora com a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade (MARCUSE, 1975).

No entanto, apesar das importantes funções que ego exerce, ele ainda retém características do id e tem função secundária na vida psíquica. Uma das formulações de Freud afirma que todo pensamento é um desvio de uma memória de uma gratificação anterior, ou seja, todo pensamento diz respeito a um impulso para recuperar a passada gratificação. Devido a todos esses desvios, o ego pode compreender a realidade como predominantemente hostil e ameaçadora, tendo atitudes defensivas. No entanto, o meio externo também gratifica, ainda que de forma modificada, o que faz com que o ego rejeite os impulsos que gerariam gratificação e, ao mesmo tempo, o matariam. Assim, a defesa do ego é uma luta em duas frentes (MARCUSE, 1975).

No desenvolvimento do ego, surge, ainda, o superego, que se trata de uma instância constituída, inicialmente, pelo contato com os pais e, em seguida, por contatos com o meio externo e com a sociedade. Essas influências são vivenciadas, solidificadas, até que possam ser introjetadas como parte de sua consciência e moral. A partir daí, surgem os sentimentos de culpa pelas transgressões ou desejos de transgredir as ordens morais. Assim, o ego reprime agindo também em serviço do superego. Entretanto, como grande parte das repressões ocorre muito cedo, passam a fazer parte do inconsciente, conseqüentemente fazendo com que os sentimentos de culpa pelas transgressões também o sejam (MARCUSE, 1975).

A partir de pensamentos elaborados por Franz Alexander, Marcuse (1975) afirma que os embates com as exigências da realidade acabam se transformando em reações e atitudes automáticas e inconscientes, o que se mostra de suma importância para o processo civilizatório. Ou seja, o princípio de realidade se afirma através da contração do ego consciente e faz com que se congele o desenvolvimento livre dos instintos, tornando-os padronizados desde a infância. Assim, “a adesão a um *status quo* ante é implantada na estrutura instintiva.” (MARCUSE, 1975, p.48).

Desta forma, o indivíduo assume um padrão de atuação meramente reacionário, exercendo contra si mesmo uma grande severidade que faz com que se puna por motivos que já foram anulados ou que não são mais incompatíveis à atual realidade que vive. Ou seja, a realidade imposta pelo superego não diz respeito apenas às exigências da realidade, mas, também, àquelas de uma realidade que já não faz mais parte do presente (MARCUSE, 1975).

Tais mecanismos inconscientes resultam em um desenvolvimento mental real é retardado, pois possibilidades e potencialidades são negadas em consequência do passado. Assim, o passado possui dupla função no que diz respeito à modelação do homem e da sociedade (MARCUSE, 1975).

Assim, retomando o domínio que o princípio do prazer primordial possuía, no qual a liberdade de desejos era uma prioridade, é possível afirmar que o id transporta tais lembranças projetando-as no futuro presente, enquanto o superego rejeita essas solicitações, vivenciando o passado que não proporcionava a satisfação integral, apenas proporcionava a adaptação ao presente punitivo (MARCUSE, 1975).

Filogenética e ontogeneticamente, com o progresso da civilização e com a evolução do indivíduo, os vestígios de memória da unidade entre liberdade e necessidade ficam submersos na aceitação da necessidade de não-liberdade; racional e racionalizada, a própria memória submete-se ao princípio de realidade. (MARCUSE, 1975, p.49)

Assim, da mesma forma que a organização repressiva dos instintos se deu devido ao fato de princípio de prazer e princípio de realidade ser irreconciliáveis, a história mostra que a civilização progrediu como dominação organizada (MARCUSE, 1975).

Devido ao fato dos termos utilizados por Freud não se diferenciarem no que diz respeito a aspectos biológicos e histórico-sociais, Marcuse (1975) optou por utilizar uma terminologia diferente, ainda que baseada na teoria freudiana.

O primeiro termo utilizado é o de mais-repressão, que se refere às restrições provenientes da dominação social. Diferencia-se da repressão básica por estar relacionada às modificações “instintivas” necessárias à perpetuação da raça humana em civilização. O outro termo é o de princípio de desempenho, que diz respeito à forma histórica predominante do princípio de realidade (MARCUSE, 1975).

Desta forma, é possível inferir que quando se fala em princípio de realidade, está subentendido o fato de existir uma carência, o que indica que a luta pela sobrevivência acontece em um ambiente extremamente pobre no que diz respeito às possibilidades de satisfação. Assim, toda e qualquer satisfação possível remete ao trabalho e às iniciativas mais ou menos penosas para tal obtenção. Ou seja, como o trabalho faz parte da maior parte do indivíduo, o prazer é suspenso e o sofrimento físico persiste. “[...] como os instintos básicos lutam pelo predomínio do prazer e a ausência de dor, o princípio de prazer é incompatível com a realidade, e os instintos têm de sofrer uma arregimentação repressiva.” (MARCUSE, 1975, p.50).

A carência existente, no entanto, é fruto de uma organização que, através da civilização, não tem distribuído da melhor forma possível e de acordo com as necessidades individuais, assim como não tem sido organizada de forma propícia a satisfação das necessidades de cada um (MARCUSE, 1975).

A escassez, assim como a necessidade de se esforçar e trabalhar para superá-la tem sido impostos aos homens durante toda a história – primeiro, por intermédio da utilização da mera violência e, depois, pela utilização do poder de uma forma mais racional (MARCUSE, 1975).

É importante ressaltar que não importa investigar até que ponto tal racionalidade foi importante para o desenvolvimento do todo, pois é incontestável o fato de os interesses da dominação ter próxima relação com a gradual conquista da escassez pelos homens (MARCUSE, 1975).

Além disso, não se pode aproximar a dominação da autoridade racional, pois essa, sim, é proveniente de uma forma de conhecimento que organiza meios e formas de possibilitar o desenvolvimento do todo, ao contrário da dominação, que é gerida por um indivíduo ou um grupo que pretende permanecer em uma posição que considera privilegiada (MARCUSE, 1975).

Ainda no que diz respeito à dominação, várias formas desse princípio de realidade podem ser historicamente apontadas, mesmo que diferentes entre si, devido às divergências entre as civilizações. Assim, embora qualquer princípio de realidade exija formas de controles repressivos sob os instintos, as instituições do princípio de realidade e os interesses próprios da dominação introduziram controles além dos necessários para a possibilidade da civilização humana. A esse controle acima dos indispensáveis é denominado mais-repressão (MARCUSE, 1975).

O desenvolvimento histórico da civilização aponta, então, diversas formas de repressão e de mais-repressão que reduziram os instintos sexuais, a fim de canalizar a energia do indivíduo para outros âmbitos, como o trabalho. Desta forma, o princípio de prazer foi deixado de lado, pois se movimentava em uma direção oposta ao desenvolvimento social, que perpetua a dominação e o trabalho penoso (MARCUSE, 1975).

No entanto, a modificação dos instintos devido ao princípio de realidade afeta diretamente o instinto de vida e também o de morte, mas o desenvolvimento deste último apenas pode ser compreendido se for observado o desenvolvimento o instinto de vida e sua organização reprimida da sexualidade. Os instintos sexuais resistem, até certo ponto, ao princípio de realidade, enquanto podem ser desviados para a função procriadora e a libido, para o corpo de outra pessoa. No entanto, como esses instintos podem ter a satisfação apenas parcial, o investimento libidinal em atividades sexuais não procriadoras, assim como a gratificação dos instintos parciais podem ser consideradas como tabus, como perversões

sublimadas ou transformadas. Além disso, a sexualidade procriadora é utilizada para manter o caráter monogâmico das instituições (MARCUSE, 1975).

Esse tipo de instituição pode resultar em uma grande restrição quantitativa e qualitativa da sexualidade, pois um instinto que deveria ser autônomo se transforma em uma ação temporária e voltada para um único fim útil, indo contra o princípio do prazer, que tem a reprodução como apenas uma consequência do instinto, o que novamente aponta para o conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade (MARCUSE, 1975).

Contudo, apesar de a realidade reprimir instintos considerados inaceitáveis ou prejudiciais à civilização, a repressão não se mostra capaz de resolver os conflitos inerentes a tais privações. Dessa forma, a repressão sobre os instintos vitais, apesar de enfraquecer o Eros no que diz respeito aos seus instintos vitais, fortalece as forças de destruição (MARCUSE, 1975).

Já no que diz respeito ao princípio de desempenho, pode-se perceber a dominação agindo em prol da constante expansão e desenvolvimento, utilizando o trabalho e a produtividade como forma de satisfação às necessidades do indivíduo (MARCUSE, 1975).

Dessa forma, o homem delega sua satisfação ao seu trabalho e a função que exerce, vivendo, assim, não sua própria vida, mas apenas desempenhando papéis pré estabelecidos pela divisão do trabalho, que se torna cada vez mais alienado (MARCUSE, 1975).

Assim como a repressão sexual, o tempo de trabalho passou a ocupar a maior parte do tempo da vida do homem, tempo esse que é em sua maior parte penoso, se levando em consideração que, ao contrário do imaginado pelo homem, o trabalho alienado significa a total ausência de gratificação e negação do princípio de prazer. A libido desviada para o que é socialmente aceito exerce apenas a função de satisfazer à sociedade e não ao indivíduo, pois na maioria das vezes não coincide com seus reais desejos (MARCUSE, 1975).

Desse modo, a energia reprimida não se acumula nos instintos agressivos, pois é utilizada em processos sociais, até mesmo no trabalho, podendo torná-los até mesmo mais produtivos. Além disso, a repressão é internalizada de tal forma que, no nível da consciência, faz parecer que aqueles são os desejos legítimos, fazendo com que o indivíduo deseje o que deve desejar e seja gratificado por isso, tornando-o imensamente feliz (MARCUSE, 1975).

Essa felicidade ocorre nas poucas horas livres que são utilizadas para o seu lazer e às vezes, até mesmo em seu ambiente de trabalho, fazendo com que se sinta motivado a continuar exercendo sua função. Assim, seu desempenho erótico e social se encontram perfeitamente alinhados e a repressão é imperceptível devido às recompensas que são dadas

aos homens dedicados e obedientes, o que reproduz a sociedade como um todo (MARCUSE, 1975).

O conflito entre sexualidade e civilização desenrola-se com esse desenvolvimento da dominação. Sob o domínio do princípio de desempenho, o corpo e a mente passam a ser instrumentos de trabalho alienado; só podem funcionar como tais instrumentos se renunciam à liberdade do sujeito-objeto libidinal que o organismo humano primariamente é e deseja. (MARCUSE, 1975, p. 58)

Assim, o indivíduo segue sua vida sendo regido pelo princípio de desempenho e dedicando seu tempo ao seu trabalho. Marcuse (1975) aponta a carga horária voltada para o trabalho afirmando que, considerando-se o tempo para ir e voltar do trabalho, se utilize 10 horas do dia, somado às quantidades voltadas para a alimentação e para o descanso, mais 10 horas, sobram para o prazer apenas 4 horas do dia. Desse modo, tais horas que estariam potencialmente disponíveis para atender ao princípio do prazer também são comandadas pelo princípio de desempenho, fazendo com que o indivíduo as utilize para relaxar e se preparar para o novo dia no trabalho.

Entretanto, o indivíduo também pode atingir um estágio no qual demanda diversão. Para tais estágios, o sistema criou uma técnica de manipulação das massas, que consiste em uma indústria do entretenimento, que tem controle direto sobre o tempo de lazer, não deixando o indivíduo sozinho em nenhum instante, evitando que ele pudesse entrar em contato com as manifestações de seu id e passasse a reconhecer parte de suas reais necessidades (MARCUSE, 1975).

Desse modo, é possível afirmar que a organização dos impulsos sexuais reflete as características básicas que regem o princípio do desempenho e, também, toda a organização social (MARCUSE, 1975)

Outro aspecto importante apontado por Freud diz respeito ao processo de centralização, no qual todos os impulsos passam a ser direcionados para um objeto comum, sendo regidos pelo mecanismo de repressão. Segundo Marcuse (1975), tal centralização faz com que toda a libido seja direcionada para apenas uma parte do corpo, possibilitando que todas as outras estejam disponíveis para o trabalho.

No entanto, a organização sexual não é, por sua origem, organizada de forma temporal, espacial ou extrínseca, pois a sexualidade pode ser considerada polimorficamente perversa. Assim, a organização social do instinto sexual interdita quase todas as

manifestações libidinais que não atendem à procriação, considerando-as como perversões, que são consideradas como terríveis e monstruosas (MARCUSE, 1975).

Ainda no que diz respeito às perversões, é possível dizer que essas se apresentam como uma forma de se rebelar contra as limitações impostas ao instinto sexual e a ordem imposta à procriação. “As perversões parecem rejeitar a escravidão total do ego do prazer pelo ego da realidade.” (MARCUSE, 1975, p.60)

Além disso, as perversões podem ser comparadas às fantasias, já que ambas são constituídas por resquícios do princípio de prazer, que puderam permanecer imunes ao princípio de realidade, sendo vinculadas à satisfação integral (MARCUSE, 1975).

Tanto as perversões quanto as fantasias apresentam um risco para a continuidade da civilização, pois rejeitam a ideia do exercício da sexualidade com um fim útil, demandando a sexualidade como um fim em si mesmo, o que poria em risco toda a organização que a ordem social vem impondo aos homens (MARCUSE, 1975).

A fusão entre Eros e instinto de morte parece estar ainda mais frouxa, fazendo com que o componente erótico do instinto de morte seja manifesto, assim como o componente fatal no instinto de sexo. Assim, as perversões indicam a identificação entre o Eros e o instinto de morte. Dessa forma, a tarefa básica da libido que seria a de tornar inofensivo o instinto destrutivo, aparece reduzida a zero, pois o instinto que busca a satisfação regrida do princípio de prazer para o princípio de Nirvana (MARCUSE, 1975).

Assim, a sociedade foi capaz de perceber o grande perigo causado por tal fusão e procurou amenizá-lo. No entanto, são poucas as manifestações do instinto de morte que podem ser controladas pela organização social, apesar de a utilização dos impulsos agressivos, ainda que modificados, serem imprescindíveis para o progresso da civilização. Essa necessidade se mostra nos processos tecnológicos, aonde a agressividade do ego primário é transferida para o mundo externo e na constituição do superego, devido a auto punição a que o ego do prazer é submetido devido ao princípio de realidade. Tais transformações das manifestações do instinto de morte fazem com que esses passem a agir em função do Eros e, assim, os impulsos agressivos se transformam em ação e energia para as constantes alterações que devem ser feitas constantemente (MARCUSE, 1975).

A destrutividade socialmente canalizada, no entanto, não é capaz de tornar inquestionável sua utilidade, pois é possível perceber que por trás dos motivos racionais e racionalizados das guerras, o instinto de morte, e parceiro de Eros, se encontra claramente manifesto (MARCUSE, 1975).

Retomando os conceitos de id, ego e superego, e possível afirmar que, ao mesmo tempo em que os impulsos agressivos são parte importante na formação do superego, esses também estão presentes na forma com que o superego coloca o id contra o ego, ou seja, dirigindo tais impulsos para uma parte da personalidade, atuando em um sentido antagônico ao instinto de vida. Dessa forma, a consciência surge também impregnada do instinto de morte que foi dirigido a ela, repleto de autodestruição ao mesmo tempo em que constrói a faceta social do indivíduo (MARCUSE, 1975).

Com tantos impulsos agressivos reprimidos em si, a tendência é de que o homem passe a agir de forma até mesmo tirânica contra si mesmo, em consequência a tanta repressão e rigidez (MARCUSE, 1975).

No entanto, apesar de haver explicação para a repressão a partir da infância, para o sentimento de culpa que atua no inconsciente e para a constituição da personalidade, é necessário, também, que se olhe para a história da civilização repressiva, a fim de compreender melhor o que ocorre com a humanidade (MARCUSE, 1975).

Os conceitos que a criança absorve por intermédio daqueles que a cria surgem a partir de uma herança arcaica deixada pelos homens primitivos e gerações anteriores, mostrando que é impossível se referir apenas a uma Psicologia individual, já que essa não pode ser separada da Psicologia de Grupo (MARCUSE, 1975).

Assim, infere-se que a personalidade também é definida a partir da repressão geral a qual a humanidade foi submetida, enfraquecendo, assim, a ideia de indivíduo autônomo. “O passado define o presente porque a humanidade ainda não dominou a sua própria história” (MARCUSE, 1975. P.67). Devido a isso, o destino universal se encontra nos instintos, mas esses podem ser modificados de acordo com o momento histórico (MARCUSE, 1975).

A partir da história antropológica formulada por Freud e retomada por Marcuse (1975), ideias como a rebelião contra os tabus - que na história original da psicanálise fora instituído pelo pai - e consequente luta contra a repressão e a autoridade. No entanto, na história, essa rebelião passa a ser considerada como um pecado, fazendo surgir o primeiro vestígio de organização social.

Após a rebelião ser bem sucedida e, mesmo assim, considerada como errada, quem se rebelou ficou no poder, demandando que seus desejos fossem sempre satisfeitos e, novamente, submetendo o povo a sua dominação. Dessa forma, a dominação por um passa a ser a dominação por muitos e os tabus passam a ser respeitados pelo próprio grupo dominante, para que não percam a condição de chefia (MARCUSE, 1975).

Com base nessa história, o autor, ainda citando Freud, formula que o crime primordial e o posterior sentimento de culpa seguem se reproduzindo nas sociedades, independente de seu momento histórico, de diversas formas.

O crime é reproduzido no conflito da velha e da nova geração, na revolta e rebelião contra a autoridade estabelecida e no arrependimento subsequente, isto é, na restauração e glorificação da autoridade (MARCUSE, 1975, p.75)

Em consequência a essa formulação, Freud levantou a hipótese do retorno do reprimido, constituída a partir da Psicologia da religião e da história do judaísmo, a partir do assassinato de Moisés e de suas formulações acerca do anti-semitismo, o qual acreditava ter suas raízes no inconsciente. A partir dessas ideias, Marcuse (1975) também retomou diversas passagens da história da religião, visando entender aspectos repressores e inconscientes que permearam todo o desenvolvimento das religiões e, conseqüentemente, da civilização, concluindo que o crime cometido pelo princípio de realidade pode ser perdoado devido ao crime contra o princípio de prazer, que resulta no sentimento de culpa e ansiedade constantes pelo crime contra o princípio do prazer não ser redimido. “Existe a culpa a respeito de um ato que não foi realizado: a libertação” (MARCUSE, 1975, p.75).

Retomando o conceito de retorno do reprimido, é possível ressaltar que esse pôde ser de certa forma, domado pelo poder e pela civilização industrial, tornando-o menos perigoso. No entanto, o tal retorno do reprimido vem reaparecendo sob a forma da racionalidade que pode ser encontrada nas justificativas vãs para os campos de concentração, trabalhos forçados e perseguições, que indicam a mobilização contra os aspectos sombrios do indivíduo (MARCUSE, 1975).

Também cabe pensar de que forma se dá esse retorno. Freud postula que esses conteúdos podem voltar à consciência se evocados por imagens ou situações que remetam a eles, como as ideologias e os valores institucionais que são reproduzidos pelo indivíduo em sua própria estrutura, podendo resultar em dominação e impulsos destrutivos relacionados a diversos aspectos de sua vida. Assim, o conflito primordial (pai-filho) é retomado, porém de uma forma civilizada e influenciada pelo ego e pelo superego, assim como pelos valores sociais, também intermediados pelos mecanismos de identificação, repressão e sublimação, que colaboram para que o indivíduo se torne ajustado à sociedade. Desse modo, a civilização apresenta forma de recompensar de forma organizada o indivíduo por tudo aquilo que lhe foi negado através das instituições (MARCUSE, 1975).

No que diz respeito ao sentimento de culpa e sua grande presença nos processos civilizatórios, Marcuse (1975) formula que esse vem da relação entre o Eros e o instinto de

morte, assim, conforme aumenta a repressão, também aumentam os instintos agressivos, o que demanda que as defesas também aumentem e, com elas, o sentimento de culpa. No entanto, essa defesa parece não ser de total valia, já que para que as defesas pudessem ser ampliadas, seria necessário que se fortalecesse o instinto sexual, pois apenas o fortalecimento do Eros é capaz de enfraquecer os instintos destrutivos. Porém, na civilização, os instintos sexuais agem a serviço do trabalho e dos demais processos de socialização, ou seja, são sublimados, diminuindo o caráter sexual do Eros e desequilibrando a vida instintiva.

Dessa forma, o enfraquecimento do Eros libera impulsos destrutivos, ameaçando a civilização, pois o instinto de morte passa a lutar para ser superior ao instinto de vida. “Originada na renúncia e desenvolvendo-se sob uma progressiva renúncia, a civilização tende para a autodestruição.” (MARCUSE, 1975, p.86)

Porém Marcuse (1975) considera que esse argumento pode ser falho, afirmando que nem todo trabalho é penoso ou enfraquece o Eros, já que, talvez, o trabalho em prol da civilização seja uma forma de canalizar os impulsos agressivos, o que agiria em favor do Eros e não contra. A partir disso, o autor inicia sua crítica a respeito da sublimação, afirmando que grande parte dos trabalhos é penosa, caracterizando-se a labuta, por violar os instintos, sejam esses de agressividade ou eróticos, além disso, considera que a “destrutividade útil é menos sublimada do que a libido socialmente útil” (p.88), ou seja, a destruição parece ser mais diretamente satisfeita pela civilização do que a libido, pois até mesmo as gratificações que o indivíduo recebe estão ligadas aos resquícios de dominação e podem também se apresentar como instrumentos da dominação.

Ainda no que diz respeito ao trabalho, a tecnologia pode atuar na redução do tempo de trabalho que seria voltado para a produtividade, proporcionando mais tempo para o suprimento das necessidades da vida do indivíduo. Entretanto, a real possibilidade de emancipação acaba sendo minada, para que a ordem estabelecida e a dominação não se dissolvam – a civilização se defende da emancipação. Assim, a produtividade age em favor da manutenção da repressão e do *status quo* facilitando o controle universal. Desse modo, não apenas a culpa e a repressão dos instintos agem como defesas aos riscos que a civilização corre, mas também a manipulação das consciências: “A promoção de atividades ociosas que não exigem empenho mental, o triunfo das ideologias anti-intelectuais, exemplificam a tendência.” (MARCUSE, 1975, p.94) Além disso, não apenas a repressão da agressividade se mostra importante, como também a do Eros, pois sua livre expressão poderia ser fatal para a civilização, pois negaria todo o princípio que rege a sociedade. Outra mudança importante diz respeito à constituição do superego que antes ocorria diretamente através do pai primordial,

passando a ocorrer através dos valores sociais, que se encontram mais influentes, além de o ego se encontrar prematuramente socializado, entrando em contato mais cedo com os mesmos valores sociais, a escola e os meios de comunicação, que moldam comportamentos e ideias (MARCUSE, 1975).

Relacionado à divisão do trabalho, infere-se que a racionalização da produtividade faz com que a dominação assuma papel administrativo. Assim, nos escritórios e empresas se vê o controle sobre os empregados e funcionários, fazendo com que eles sofram a se sintam impotentes frente a uma realidade que visa tamanha produtividade e eficiência, considerando que essas são as diretrizes para ter o controle de sua vida, quando, na realidade, apenas vive em um ambiente de competitividade. Essa ambiente e essa sociedade novamente faz com que a agressividade seja introjetada (MARCUSE, 1975).

Dessa forma, toda a coesão social e todo o poder administrativo são capazes de proteger a sociedade da agressividade, mas não são capazes de eliminar a agressividade que é acumulada e passa a ser utilizada de forma “civilizada” e praticamente não sublimada, como pode ser visto na história através das guerras e dos campos de concentração, fazendo com que o terror e a violência sejam assimilados como aspectos normais e que fazem parte do cotidiano, porém a repressão segue ocorrendo e, com ela, o progresso da civilização.

Com o declínio da consciência, com o controle da informação, com a absorção do indivíduo na comunicação em massa, o conhecimento é administrado e condicionado. O indivíduo não sabe realmente o que se passa; a máquina esmagadora de educação e entretenimento une-o a todos os outros indivíduos, num estado de anestesia do qual todas as idéias nocivas tendem a ser excluídas. E como o conhecimento da verdade completa dificilmente conduz à felicidade, essa anestesia geral torna os indivíduos felizes. (MARCUSE, 1975, p.101)

No que diz respeito à sociedade, Adorno (2006b), afirma que o mundo administrado e cada vez mais socializado gera um tipo de claustrofobia devido à sensação de clausura no indivíduo. Essa sensação aumenta conforme a rede da socialização fica mais densa e gera desejo de se libertar. No entanto, essa rede não apresenta espaços para que o indivíduo possa escapar, o que parece gerar sentimentos de raiva contra a civilização, que se torna “alvo de uma rebelião violenta e irracional (ADORNO, 2006, p.122). Ou seja, quanto mais a sociedade aparenta estar integrada, mais parece estar se desagregando. O mundo cada vez mais administrado também mostra, a partir da história da civilização, que grande parte da violência é direcionada àqueles considerados socialmente fracos e supostamente felizes (ADORNO, 2006).

Um aspecto que indica essa densidade social diz respeito à pressão do dominante sobre o particular, que faz com esse seja destruído, assim como toda a resistência do indivíduo a ceder às forças sociais e, também, suas qualidades. Essa perda pode aumentar as chances do homem em ceder ao crime, pois talvez não consigam nem ao menos resistir aos chamados da sociedade quando esses podem ser justificados por motivos, mesmo que racionalizados pelo sistema dominante. Esses aspectos indicam que o retorno ao fascismo depende mais de questões sociais do que de questões psicológicas (ADORNO, 2006).

Conforme o superego foi substituído pelas autoridades dominantes, mais reprimidos foram os traços sádicos gerados pelas tendências civilizatórias e conforme a consciência e a liberdade são mutiladas, mais se torna propícia a tendência de que esses impulsos possam regressar a partir de manifestações violentas. Segundo o autor, as pressões sociais tornam a consciência coisificada, ou seja, essa assume caráter de objeto, deixando de ser constituída pelas experiências e vivências, mas sim por conceitos preestabelecidos e imediatos. As pessoas são coisas e, assumindo essa condição, consideram os outros também como objetos (ADORNO, 2006).

Essa coisificação da consciência parece aumentar a frieza dos indivíduos para com os outros, tornando-os indiferentes à dor e ao sofrimento alheio, exceto daqueles poucos com quem possuem algum tipo de ligação. Segundo Adorno (2006) se houvesse maior identificação entre as pessoas, Auschwitz jamais teria ocorrido, pois as pessoas jamais permitiriam que tal barbárie se instituísse. Assim, é possível inferir que a sociedade produz e reproduz a frieza entre os homens.

Adorno (2006) afirma que gostaria de fazer um estudo aprofundado sobre os nazistas, solicitando que estes falassem sobre sua experiência para, a partir de tal compreensão, poder realmente evitar a repetição de Auschwitz, por saber quais motivos levaram a isso. Contudo, é importante ressaltar que não é possível explicar indivíduos a partir dessas hipóteses e inferências, pois apesar de essas poderem facilitar a violência e o retorno ao fascismo, muitas pessoas, sob as mesmas condições, não desenvolvem esses traços e formas de vida. “As pessoas não podem ser explicadas automaticamente a partir de condições como estas. Em condições iguais alguns se tornariam assim, e outros de um jeito bem diferente.” (ADORNO, 2006, p.132)

Entretanto, apesar de a grande preocupação inicial do autor dizer respeito ao que aconteceu nos campos de concentração, ele pôde constatar que o que antes fora feito apenas pelos nazistas na Alemanha passou a ser visto em outros inúmeros casos e realizados por muitos, como os bandidos e líderes de quadrilha que são diariamente vistos nos noticiários na

televisão. Outro exemplo disso é o esporte, que apresenta caráter ambíguo, pois pode ter efeito contrário à barbárie, por intermédio do fairplay ou pode incitar a agressão, principalmente nas torcidas que assistem aos espetáculos.

Adorno (2006) também afirma que, apesar de indagado por muitos, não é a reconstituição dos vínculos de compromisso que irão afastar de uma vez por todas as chances de uma retomada ao fascismo, pois, segundo o autor, apesar de o funcionamento humano evocar relacionamentos baseados no sadismo e nas regras de conduta, os vínculos apontam mais para um valor moral e para a confiabilidade que o indivíduo passa do que para uma efetiva mudança de conduta social. Além disso, a configuração social parece não ser nutrida por valores como a empatia e o afeto entre os homens, mas sim por algum tipo de interesse, o que aponta para uma enorme defasagem no amor.

No que diz respeito às soluções para a violência, é possível inferir que apenas incentivar o amor e os vínculos mais estreitos entre as pessoas não adiantaria, pois a ideia de amar como um dever tornaria isso parte direta da ideologia que ajuda a produzir a frieza, pois combinaria a dominação ao amor. Assim, a forma mais viável para a redução de tal frieza seria a colaboração na aquisição da consciência dos indivíduos, que poderia ajudá-los a encontrar as razões que fizeram com que ela (a frieza) pudesse ser gerada. Desse modo, o autor infere que a única solução possível para a violência e para a ameaça de um retorno de Auschwitz seria a autonomia da consciência dos indivíduos, pois mesmo que esse exercício do pensamento e da racionalidade não dissolva os mecanismos inconscientes, poderiam ao menos fortalecer a pré consciência e a resistência que atuaria contra essas formas de extremismo (ADORNO, 2006).

Outra forma importante de violência diz respeito ao preconceito. Esse conceito será explanado a seguir.

2.6 Preconceito

O preconceito é um tema predominantemente estudado pela psicologia e pela sociologia, que se mostra sempre atual e, por isso, seu estudo é pertinente. Há, ainda, uma grande diversidade de compreensões dessa temática, sendo que pode ser considerado como processo automático, individual, psicológico, ou fruto de uma sociedade dominadora que constantemente luta pelo poder. Ou seja, ora é compreendido como causa, ora como consequência de uma sociedade (FERNANDES et al., 2007).

Segundo Crochík (2006), é preciso buscar apoio em mais de uma área de conhecimento para que se possa definir essa temática, pois apesar de ser um fenômeno de

base psicológica, o processo de socialização ao qual o indivíduo foi submetido pode levá-lo ou não a ser preconceituoso. Assim, mesmo que cada pessoa se constitua de forma diferente e o preconceito possa ser relacionado com as necessidades irracionais e inconscientes de cada um, é a socialização que pode ajudar a explicar os conflitos gerados pelas diferenças.

O conceito de preconceito não pode ser definido por um conceito unitário e fechado, devido a algumas complicações inerentes a ele (CROCHÍK, 2006).

Ao se estudar essa temática, é possível perceber que o indivíduo pode desenvolver o preconceito em relação a diversos objetos, ou seja, o preconceito independe das características do seu alvo. Dessa forma, pode-se dizer que o preconceito pode ser considerado uma forma de atuação, que pode estar mais relacionada às necessidades do preconceituoso do que às características de seu objeto (CROCHÍK, 2006).

No entanto, como os conteúdos do preconceito em relação aos objetos não são convergentes entre si, percebe-se que cada objeto desperta afetos e sentimentos diferentes e relacionados a aspectos psíquicos diversos. Dessa forma, apesar de o preconceito estar mais relacionado ao preconceituoso do que ao seu alvo, não se pode dizer que esse é independente de seu objeto. Assim, o preconceito apresenta “[...] aspectos constantes que dizem respeito a uma conduta rígida frente a diversos objetos, e aspectos variáveis, que remetem que remetem às necessidades específicas do preconceituoso, sendo representadas nos conteúdos distintos atribuídos aos objetos” (CROCHÍK, 2006, p.12).

Outro aspecto importante de ser ressaltado ao se falar em preconceito diz respeito ao fato de o alvo ou objeto ser caracterizado apenas pela característica que designa o preconceito e não pelas demais que possui e, a partir disso, os estereótipos também são usados para descrever a pessoa. Por exemplo, a pessoa passa a ser vista como àquela que tem Síndrome de Down, sem ser considerado que também é homem, mulher, engraçado ou chato, entre outras características e, dada essa característica, a pessoa passa a ser rotulada pelo que tem e pelos estereótipos que essa condição traz em si, assim, retomando o exemplo, a pessoa tem Síndrome de Down e, logo, não é capaz de aprender muitas coisas (CROCHÍK, 2006).

Ainda no que diz respeito aos estereótipos, é possível afirmar que em uma sociedade capitalista como a que vivemos, regida pela divisão do trabalho, muitas vezes ocorre que os homens que exercem funções socialmente consideradas inferiores também são considerados como inferiores em suas vidas, o que se apresenta como um grande mantenedor do status quo, pois reafirma a divisão das classes e evita a reflexão acerca dessas condições (CROCHÍK, 2006). “Numa cultura que privilegia a força, o preconceito prepara a ação da exclusão do

mais frágil por aqueles que não podem viver sua própria fragilidade.” (CROCHÍK, 2006, p.23).

Nesse contexto, a identificação de características do indivíduo que exerce o preconceito e a diversidade de atribuições que faz à sua vítima aparentemente está baseada na relação entre sujeito e sociedade, mostrando que a fixidez de um tipo de comportamento está relacionada com os estereótipos provenientes da cultura. Contudo, essa relação não se dá de forma direta, pois apesar de os estereótipos estarem presentes na sociedade, é o indivíduo que se apropria deles e os adapta de acordo com suas necessidades psíquicas. “As ideias sobre o objeto do preconceito não surgem do nada, mas da própria cultura.” (CROCHÍK, 2006, p.12).

Crochík (2006) explica que apesar de experiência e a reflexão possibilitarem o desenvolvimento do indivíduo em sua relação com a sociedade, não é a ausência dessas que caracteriza o preconceito, mas, sim, o que impede que elas possam acontecer. Segundo o autor, esse impedimento é causado pela ruptura com o mundo que o indivíduo pode considerar demasiadamente ameaçador.

Assim, como não consegue lidar com os sofrimentos que a realidade lhe traz, desenvolve uma onipotência (manifesta ou velada) que faz com que o indivíduo se julgue superior ao seu objeto, de forma que se sente no direito de menosprezá-lo (CROCHÍK, 2006).

Em suma, é possível afirmar que o que caracteriza o preconceito é o agir aparentemente imediato e sem reflexão, como uma reação congelada frente ao que lhe é apresentado, similar à paralisia momentânea que temos quando somos expostos a uma situação de grande perigo, seja este real ou imaginário. Além disso, quanto mais dificultada está a capacidade de ter experiências e de refletir, maior é a necessidade de defesa frente ao considerado estranho (CROCHÍK, 2006).

Crochík (2006) aponta duas formas de reação frente ao objeto de preconceito. Uma delas é denominada reação mimética, que consiste no “se fingir se morto” frente ao que gera estranheza. Por exemplo: Ao ver uma pessoa com deficiência, fingir que não ver ou, até mesmo, se desculpar por ter olhado. Outra atitude que pode marcar esse tipo de reação é a aceitação extrema do objeto como uma forma de fazer todo o possível para que não percebam o desconforto, além de oferecer um consolo que, nem ao menos, foi solicitado. A percepção imediata de que aquela é uma situação triste e ruim de ser vivida impede a constituição de uma relação sem tabus (CROCHÍK, 2006).

A outra forma apontada diz respeito ao reagir com rejeição. Nesse tipo de reação, é comum que, devido a um valor pré concebido, haja o julgamento de que o objeto é inferior e não merece a atenção. Pessoas que reagem dessa forma podem até mesmo chegar ao extremo

de apresentar ideias fascistas, como a de eliminar o objeto antes mesmo de seu nascimento (CROCHÍK, 2006).

Assim, apesar de essas reações serem diferentes entre si, apontam da mesma forma para uma cegueira individual, que impossibilita a relação com o objeto (CROCHÍK, 2006).

Outro aspecto ressaltado por Crochík (2006) diz respeito às manifestações do preconceito não serem inatas. Dessa forma, a complacência benevolente, facilmente comparada à reação mimética, diz respeito a um tipo de máscara civilizatória proveniente de uma educação baseada na hipocrisia, que impede que as pessoas possam manifestar a estranheza frente ao desconhecido.

Já a rejeição fascista, ou anteriormente citado reagir com rejeição, diz respeito a um extremo enrijecimento, que necessita que se aprenda a ser forte, rejeitando assim, qualquer fragilidade, inclusive a própria. Tanta rigidez obriga o indivíduo a ser duro consigo mesmo e também com os outros (CROCHÍK, 2006).

Quando uma criança percebe alguma coisa como boa ou ruim, isso raramente é produto de uma percepção espontânea, pois o que é bom e ideal já é pré concebido culturalmente. “[...] na transmissão da cultura para os mais jovens, já são transmitidos preconceitos [...]” (CROCHÍK, 2006, p.16) E assim acontece com todas as definições de bom e ruim que são dadas sem que o juízo seja espontâneo ou fruto de uma reflexão, que trazem, por si só, o preconceito impregnado (CROCHÍK, 2006).

Um aspecto importante e já citado anteriormente diz respeito aos estereótipos, que, apesar de ser modificados pelos indivíduos de acordo com suas necessidades psíquicas, são elementos importantes do preconceito (CROCHÍK, 2006).

Os estereótipos são produzidos e fomentados pela cultura, que apresenta necessidade de que haja definições concretas sobre as mais diversas coisas e, assim, pode ocupar o lugar da reflexão, resultando em concepções imediatas sobre as diversas situações que o indivíduo pode vir a vivenciar (CROCHÍK, 2006).

Além disso, a sociedade atual pode ser considerada como competitiva, de forma que a eficiência e rapidez são extremamente valorizadas e toda a educação é voltada apenas para o desenvolvimento das competências consideradas importantes para o mercado de trabalho. Dessa forma, as respostas prontas são valorizadas pela funcionalidade, que diminui a probabilidade de surgirem dúvidas e, conseqüentemente, a probabilidade de haver alguma reflexão (CROCHÍK, 2006).

Outro aspecto que contribui para a manutenção dos estereótipos é a necessidade que o indivíduo tem de mostrar conhecimento e opiniões sobre os mais diversos assuntos,

defendendo seu ponto de vista a qualquer custo, não porque pensa daquela forma incondicionalmente, mas, sim, porque hesitar pode simbolizar a fragilidade tão contestada na sociedade atual (CROCHÍK, 2006).

Além dos fatores citados acima, é importante ressaltar o papel da indústria cultural, que difunde inúmeros clichês, possibilitando que o indivíduo não entre em contato com a ansiedade fomentada pelas dúvidas e pelos processos de reflexão. “Aquilo que se discute não provém imediatamente dos indivíduos, mas da experiência já categorizada [...]” (CROCHÍK, 2006, p.20).

Desse modo, até mesmo o pensamento se adéqua às necessidades dos processos de produção industrial, repetitivos e otimizados (CROCHÍK, 2006).

Outra função importante dos estereótipos é o fato de que eles facilitam o ato de evitar pensar e refletir acerca das condições sociais e desiguais vivenciadas e que muitas vezes acabam resultando na violência. Ou seja, os conteúdos transmitidos pelos estereótipos também são importantes para a manutenção do status quo (CROCHÍK, 2006).

Crochík (2006) afirma, ainda, que apesar de o preconceito muitas vezes ser considerado como algo inconsciente e irracional, suas manifestações nem sempre o são. Assim, afirma que o antídoto para o preconceito pode ser encontrado na possibilidade e disposição para entrar em contato e experimentar as mais diversas situações, sem a necessidade de viver a ansiedade frente ao desconhecido e refletindo acerca dos juízos concebidos a partir das experiências.

Pesquisa sobre o preconceito e o caráter totalitário

Investigações realizadas pelo Instituto de Pesquisas Sociais dos Estados Unidos, em parceria com outros institutos, como o Grupo de Estudo de Opinião Pública, da Universidade de Berkeley, Califórnia, foram utilizados como base para que Adorno e Horkheimer (1973) pudessem discorrer acerca do preconceito e do caráter totalitário.

Essas pesquisas atribuíram como sua principal problemática o ódio a etnias e, principalmente, o anti-semitismo. Além disso, tinham como principal objetivo definir quais são os sentimentos e reações humanas mobilizados em casos de grande expansão dos movimentos totalitaristas e das propagandas que deles fazem parte (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

No que diz respeito aos movimentos totalitários e suas vítimas, os autores afirmam que não pode haver justificativa psicológica para seu surgimento, pois esses surgem a partir de grandes interesses políticos e econômicos. Contudo, pode haver características psíquicas

inconscientes que são produtos de fenômenos contemporâneos, como a impossibilidade de “uma existência econômica auto-suficiente e as transformações na estrutura da família” (p.173), que podem contribuir para a aceitação desses movimentos. Assim, a investigação acerca do preconceito deve reconhecer o momento psicológico que rege o processo dinâmico em que se encontram a sociedade e o indivíduo (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Os resultados da investigação realizada se mostraram independentes de condições socioeconômicas, políticas e localização geográfica, se referindo apenas às condições sócio-psicológicas da denominada, loucura totalitária que, em muitos casos, implicava no preconceito étnico e nacionalista. Assim, o foco da pesquisa foi relacionado a ideologias políticas e características psíquicas daqueles que se afiliam a tais (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Para a efetivação da pesquisa, os estudiosos investigaram e identificaram quais eram os estímulos utilizados para seduzir aos homens pelas propagandas e pelos líderes totalitaristas. Levantou-se como hipótese que esses estímulos provavelmente provinham de tendências e formas de comportamento das pessoas que possuem o tipo psicológico que interessa ao sistema (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Percebeu-se que uma das artimanhas utilizadas pela propaganda nazista, por exemplo, era a elaboração de textos que traziam “rígidos estereótipos de pensamentos e repetições constantes” (p.174) que acabavam por minar as resistências da consciência crítica daqueles que entravam em contato com esses produtos. Além disso, há a trivialidade do orador, que sempre é concebido como homem forte e poderoso, porém comum, o que facilita a identificação daqueles que são os alvos visados pelo discurso. Essa identificação é imprescindível para a subordinação ao líder, pois faz com que se sintam satisfeitos com a posição que ocupam e com a forma que se vêem (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Ainda no que diz respeito à era de Hitler – um dos momentos da história em que o preconceito foi mais evidente – foi aprendido a se diferenciar o que era bom e o que era ruim, ou seja, o que deveria ser valorizado e o que não deveria. Essa distinção faz com que os bons estivessem a salvo, ao mesmo tempo em que os ruins estavam condenados a todo o tipo de coisa que se fizesse necessário para seu extermínio, além de também atuar sobre a vaidade dos ouvintes que podem até mesmo se considerar parte dos “bons”. Outro aspecto importante de se ressaltar é o fato de que a existência do “ruim” e do “malvado” tornar possível a descarga de todo o sadismo desse ouvinte sobre as vítimas escolhidas pelo esquema (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

A partir de todos esses pressupostos a pesquisa pôde ser realizada com a utilização de questionários, de um teste de percepção temática por imagens, entre outros instrumentos (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Assim, o tipo psicológico totalitário resultou ser, de um modo geral, estruturado pela rigidez, independente da ideologia política seguida. Além disso, demonstrou haver grande vinculação com a autoridade, a ênfase dos valores convencionais, a conduta social considerada correta em relação ao trabalho, higiene e saúde, pensamento e sensibilidade regidos pela hierarquia e autoridade moral idealizada do grupo que pensam pertencer, o que resulta em uma predisposição para julgar àqueles que se encontrem fora do que considera seu grupo ou àqueles que são considerados inferiores. Pessoas que se encaixam nesse tipo aparentam ter necessidade de se identificar com a ordem estabelecida, independente do quão rígida essa ordem possa ser e, apesar do que demonstram, possivelmente apresentam uma enorme fraqueza egoica (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

No que se refere à capacidade de reflexão, os autores inferem que essa é possivelmente prejudicada, pois o pensamento crítico poderia pôr em risco a falsa sensação de segurança que têm em si. Dessa forma, isso facilita o apego a um poder superior e a uma esquivia da responsabilidade pessoal (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Segundo os autores, essas pessoas também apresentam um grande desejo de destruição, até mesmo direcionado a elas mesmas. Contudo, o caráter totalitário não permite que se admita esse desejo que, conseqüentemente, é projetado aos inimigos. Esse estudo, também, apurou que muitas pessoas com essa personalidade vivenciaram uma infância repleta de limites e, por não conseguir elaborar isso, reproduzem a criação que tiveram em suas vidas adultas. Daí a superficialidade dos sentimentos e a dificuldade em alimentar relacionamentos que essas pessoas apresentam (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Contudo, apesar de a validade da pesquisa e da elaboração de “escalas” pertinentes, os autores atentam para o risco de se utilizar essa distinção entre características de pessoas preconceituosas ou não preconceituosas em uma grande esquematização e, assim, repetindo a divisão feita pela sociedade entre “bons” e “ruins”. Por isso, se faz necessária a constante vigilância auto-crítica e considerar que a formação de juízos estereotipados não é apenas uma característica do caráter preconceituoso, mas também podem ser encontrados no caráter livre de preconceito, o que aponta para a existência de um tipo rígido. Outro aspecto observado foi a indiferença generalizada aos problemas sociais, como se apenas importasse o que se encontra individualizado e particular. Esses fenômenos são explicados como consequência de

um clima cultural que se instaura em todo o mundo e não apenas em alguns países, como a tão citada Alemanha (devido ao nazismo) (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Assim, os autores apontam para a grande mecanização e padronização a que as problemáticas da vida cotidiana são submetidas, tornando as pessoas adeptas à concepção de que o mundo deve atender a uma organização. Dessa forma, não apenas a utilização de juízos estereotipados e valores preestabelecidos fazem com que a vida seja mais fácil, mas, também a orientação mais rápida e livre de pensamento, que afasta a exaustão que vivenciar profundamente as relações sociais pode trazer (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Dessa forma, tal maneira de pensar se aproxima mais de um caráter totalitário, seja aonde for, do que da ideologia “fabricada”. Os homens só seriam verdadeiramente livres se resistissem aos “processos e influências que predispõe o preconceito, mas semelhante resistência exige tanta energia que obriga a explicar a ausência de preconceitos antes da presença destes” (ADORNO e HORKHEIMER, 1973,p.182).

3. OBJETIVO

Com base nos conceitos expostos acima, a presente pesquisa apresenta como objetivo central analisar, a partir do referencial da Teoria Crítica, algumas das animações da indústria cinematográfica Walt Disney Pictures sob a perspectiva da violência e do preconceito.

4. MÉTODO

Para a realização desse trabalho, foram escolhidos 09 filmes, sendo estes: A Bela e a Fera (1991); A Dama e o Vagabundo (1955); Alice no País das Maravilhas (1951); As Aristogatas (1970); Cinderela (1950); Hércules (1997); Mulan (1998); O Corcunda de Notre Dame (1996); e O Rei Leão (1994). A escolha das obras cinematográficas foi feita de forma aleatória e a opção de utilizar apenas 09 filmes se deu devido à delimitação do tempo para a realização dessa pesquisa.

Após assistir as animações, foi feito um resumo detalhado de cada uma, a fim de facilitar a exposição dos dados que foram, posteriormente, analisados. Para que as análises pudessem ser realizadas, foram feitos levantamentos bibliográficos acerca das temáticas presentes nas obras ou relacionadas a elas, violência, preconceito e indústria cultural. Além disso, foram exploradas referências que dizem respeito à educação, ideologia e ao conceito de esclarecimento, que se mostram indispensáveis no estudo da Teoria Crítica. As análises foram baseadas nas cenas explicitadas nos resumos e embasadas a partir dos autores estudados.

5. DADOS

5.1 A Bela e a Fera (1991)

Em um país distante havia um príncipe que, mesmo vivendo uma vida luxuosa, era mimado, egoísta e grosseiro. Em uma noite, uma mendiga idosa foi até seu castelo em busca de abrigo para o frio e, em troca, ofereceu-lhe em troca uma rosa, mas o príncipe, devido à má aparência da senhora, recusou-lhe o pedido, tratando-a mal e a insultando.

Apesar de a senhora tentar ensinar-lhe a não julgar as pessoas pela aparência que têm, o príncipe insistiu em expulsá-la, o que trouxe a tona a real identidade dela – a de uma feiticeira.

Convencida de que o príncipe não conhecia o amor, o transformou em um monstro e também enfeitiçou a todos que moravam no castelo, com intuito de castigá-lo. Deu-lhe, também, uma rosa mágica: se quando a última pétala da rosa caísse, ele ainda não fosse capaz de amar e ser amado, o feitiço perduraria para sempre.

A Fera, como passou a ser chamado, se isolou em seu castelo por ter vergonha de sua aparência e por ter perdido as esperanças de que alguém poderia se apaixonar por alguém com tal aparência.

Um pouco distante do castelo, em uma aldeia harmoniosa, vivia uma garota chamada Bela. Bela é considerada uma garota muito bonita, mas também estranha, devido ao seu enorme gosto pela leitura e às conseqüentes idas diárias à biblioteca.

Contudo, apesar de ser considerada estranha, sua grande beleza chamou atenção de Gastão, um rapaz admirado pela sua força física, beleza e por seu talento na caça. Tal beleza fez com que ele considerasse que apenas Bela teria os requisitos suficientes para unir-se a ele. Para alcançar este objetivo, Gastão conta com um fiel amigo, que sofre diversas agressões físicas e psíquicas quando discorda do que é dito pelo forte rapaz. No entanto, esses atributos não atraem Bela, que imagina para si uma vida diferente da que tem.

Maurice, pai de Bela, é inventor e é considerado louco pelos habitantes da cidade, inclusive por Gastão. Assim, Maurice decide participar de uma feira de invenções, com seu cortador automático de lenha. E, desta forma, a história altera seu rumo.

No caminho da feira, o pai de Bela se perde em uma floresta escura e é atacado por lobos. Enquanto tenta fugir, encontra um castelo para se abrigar. No entanto, este castelo é totalmente diferente do que poderia imaginar.

Ao entrar, se depara com objetos falantes – fruto de um feitiço – que se mostram extremamente hospitaleiros. Contudo, o dono do castelo, a Fera, não fica satisfeito com o fato de ter um estranho no castelo e o prende como seu prisioneiro.

Enquanto isso, Gastão optou por surpreender Bela com um pedido de casamento, que tinha certeza que seria aceito, devido a sua ideia de que este é o sonho de toda mulher, assim como cuidar dos filhos e cozinhar para o marido. Contudo, Bela nega e desperta o descontentamento de Gastão que afirma que se casará com ela de qualquer forma.

Após o ocorrido, o castelo de Maurice chega assustado de volta ao lar e Bela percebe que o pai pode estar em perigo, optando por procurá-lo e cavalga até encontrar o castelo.

Ao entrar, começa a procurar por seu pai e, assim que o acha, é surpreendida pela Fera, que repreende o fato de ela estar lá. Ao ver que o pai está doente e se ver sem outra solução, Bela se oferece para ficar como prisioneira no lugar de seu pai e a Fera aceita.

Entretanto, como o acordo indicava que Bela ficaria para sempre no castelo, Lumière – um dos criados transformados em objeto pelo feitiço – sugere que ela tenha um quarto e a sugestão é acatada, seguida de uma intimação para o jantar, pois Bela acendeu na Fera a esperança de ter o feitiço quebrado.

Frente à negativa de Bela para o jantar, a Fera a proíbe de comer qualquer coisa, mas os criados desobedecem e alimentam a garota, que se sente maravilhada com o que está vendo.

Após o jantar, Bela é levada para conhecer o castelo, mas transpõe os limites dados a ela, causando uma imensa fúria na Fera, que grita e a expulsa do quarto em que entrou, resultando na fuga de Bela. Enquanto fugia pela floresta, lobos a atacaram e a Fera a salvou, mas também se machucou. Bela cuidou dos ferimentos e, a partir daí passaram a cultivar uma amizade.

A amizade continuou se fortalecendo até que, um dia, Bela disse que estava com saudades de seu pai e gostaria de vê-lo novamente. A Fera ofereceu-lhe o espelho mágico e foi possível constatar que Maurice estava muito doente e, assim, Bela foi libertada.

Enquanto isso, na aldeia, Gastão contratou o dono de um hospício para prender Maurice no intuito de obrigar Bela a se casar com ele e a situação se agrava quando ele pede ajuda para os habitantes da aldeia alegando a existência de uma Fera, o que fortalece a hipótese de loucura de Maurice e faz com que ele sofra a real ameaça de ser internado.

Bela, que volta para a aldeia preocupada com a saúde de seu pai, se depara com essa ameaça e utilizando o espelho mágico, prova que a Fera existe, causando uma grande revolta

entre os moradores que decidem caçar a Fera, sob o comando de Gastão, que desconfia que Bela esteja apaixonada pelo monstro.

Chegando ao castelo, o ataque é iniciado e resulta em uma grande batalha entre os criados objetos do castelo e os habitantes da aldeia, enquanto Gastão procura incansavelmente pela Fera para que possa matá-lo.

Ao encontrar, a Fera não reage aos ataques por ter perdido as esperanças de dar fim ao feitiço e por se sentir triste sem Bela ao seu lado. Contudo, ao vê-la, começa a se defender e trava uma intensa batalha com Gastão, que acaba sendo morto pela Fera, ao cair do alto do castelo.

Apesar disso, a Fera também se encontrava muito ferida, o que deixa Bela em prantos. Neste momento, a última pétala da rosa cai e o feitiço é quebrado, devido ao fato de a Fera ter aprendido a amar e ter conseguido que alguém sentisse o mesmo.

Com o término do feitiço, os criados voltam às suas antigas formas, assim como a Fera, que volta a ser o príncipe de outrora e consuma sua relação com Bela.

5.2 A Dama e o Vagabundo (1955)

Após o casamento de Jim e de “Querida”, Lady chega até sua casa como um presente de Jim para sua recém-esposa. Filhote, Lady tem toda a atenção e carinho de seus donos, assim como dos outros cães da vizinhança, que a admiram por sua enorme beleza.

Após algum tempo sendo mimada por constantes presentes e benefícios, Lady começou a sentir que alguma coisa de diferente estava acontecendo, pois Jim já não lhe dava a atenção de outrora, assim como Querida, que passou a se preocupar mais com outras coisas que Lady não conseguia descobrir do que se tratava.

Preocupada em estar perdendo o amor de seus donos, Lady começou a investigar e concluiu que toda aquela mudança se deu devido a um bebê que chegaria. Ainda confusa, a cadelinha decidiu perguntar sobre o que aquilo se tratava para seus amigos da vizinhança e ouviu que as coisas realmente mudariam, pois quando chega um filho, o cachorro é deixado de lado.

Enquanto isso, o cachorro denominado Vagabundo continuava vivendo sua vida nas ruas, dormindo em barris e se alimentando daquilo que lhe davam nos mais diversos restaurantes da cidade. Porém, havia sempre a preocupação com a carrocinha e Vagabundo, além de fugir, também salvava seus amigos do destino cruel que os cães que vão pra carrocinha têm: eles viram sabão.

Em uma dessas fugas, Vagabundo encontrou o bairro em que vivia Lady, e encontrou a cadela e seus amigos conversando sobre o bebê que chegaria e, logo, iniciou dizendo que aquilo não era algo bom, pois eram destruidores de lares. Enquanto falava sobre as mudanças que um bebê trazia, um dos amigos de Lady se irritou e mandou Vagabundo embora, dizendo que lá eles não precisavam de vira-latas.

Quando o bebê nasceu, Lady ficou curiosa para conhecer o novo herdeiro e, ao contrário do que lhe disseram, seus donos permitiram. Lady ficou encantada com o bebê e logo assumiu o papel de defendê-lo. Tudo seguia muito bem, até que Querida e Jim precisaram viajar, deixando o bebê com Tia Sarah, que assim que chegou, tratou de colocar Lady para fora e dar todo espaço da casa aos seus dois gatos que começaram a destruir tudo e culpar Lady.

Após tomar muitas broncas e Tia Sarah lhe colocar uma focinheira, Lady decidiu fugir. No entanto, como não estava acostumada com os perigos da rua, precisou da ajuda de Vagabundo para sobreviver. Desse modo, Lady e o Vagabundo iniciaram uma grande amizade, onde Vagabundo ensinava muitas coisas à sua nova amiga, assim como a alimentava. A amizade cresceu, até que se apaixonaram.

Apaixonados, os dois foram até a casa de Lady, onde constataram que havia entrado um rato. Preocupadíssimos com o bebê, deram um jeito de entrar para tentar salvá-lo, porém a caçada deixou vestígios de bagunça e Tia Sarah prendeu Lady fora de casa e chamou a carrocinha para capturar Vagabundo, que prontamente foi preso. Lady, no entanto, pediu ajuda a seus amigos e eles conseguiram salvar Vagabundo da carrocinha.

Nesse momento, Jim e Querida voltaram de viagem e puderam compreender que Lady havia salvado o bebê de um rato e, além de a recompensarem, também ficaram com Vagabundo e eles constituíram uma família.

5.3 Alice no País das Maravilhas (1951)

Alice não gostava de livros sem gravuras e sonhava com um mundo próprio aonde todos os livros seriam do jeito que ela imagina e os animais falariam, assim como os seres humanos. Compartilhava seus desejos com Diná, sua gata, dizendo que ela não miaria e, sim, diria, “Sim, senhorita, Alice!”.

Enquanto pensava nas maravilhas que seu mundo teria, um coelho branco apareceu, vestindo colete e usando um relógio, dizendo que estava atrasado e, intrigada, Alice correu incansavelmente atrás dele até sua toca, mas, quando entrou entrar, caiu em um imenso

buraco que a levou até um lugar estranho, com portas que diminuía até ser impossível que ela passasse.

Ao tentar abrir a menor das portas, a maçaneta disse a Alice que ela não poderia passar se não conseguisse reduzir seu tamanho e sugeriu que ela tomasse o líquido que havia em uma garrafa, onde estava escrito “Veneno”.

Apesar de desconfiada, a curiosidade era tanta que Alice tomou e logo ficou do tamanho ideal para passar na porta, mas percebeu que não tinha a chave para abri-la, que estava em cima da mesa, resultando em uma enorme frustração – ora é pequena demais, ora grande demais. Entretanto, imediatamente apareceu um cofre com um biscoito que, assim que comesse, faria com que ela crescesse novamente, mas o efeito foi mais forte do que o esperado, deixando Alice muito grande. Desesperada, ela começou a chorar enormes lágrimas que inundaram a sala onde estava. Neste momento, Alice conseguiu reduzir seu tamanho novamente e passou pelo buraco da fechadura, entrando em um mundo completamente diferente do dela.

Assim que entrou, viu um capitão velejando e, logo em seguida, coordenando uma dança para secar a todos que estavam molhados devido à enchente causada pelas lágrimas de Alice.

Enquanto girava junto com todos os outros animais, viu novamente o coelho branco e voltou a segui-lo, mas o perdeu, encontrando apenas dois irmãos gêmeos que a seguiam e propuseram uma conversa que, apressada, Alice recusou. Contudo, os gêmeos comentaram sobre a história de ostras que eram curiosas e acabaram tendo um destino cruel e Alice, mais curiosa ainda, quis ouvi-la, afirmando que poderia ficar um pouquinho mais.

A história consistia em uma Foca e um Carpinteiro que, enquanto caminhavam juntos pela praia, encontraram vários filhotes de ostras. Interessados em comê-los, os convenceram a sair para um passeio, afirmando que se divertiriam muito. Após certa insistência e descontentamento da mãe ostra, os filhotes resolveram ir. A Foca e o Carpinteiro, então, planejaram um almoço aonde o prato principal seriam as ostras, deixando-as muito tristes e assustadas por terem sido enganadas. Sem meio de fugirem, as ostras realmente seriam comida pelos dois, mas a Foca solicitou que o Carpinteiro pegasse pão e preparasse um molho. Quando o Carpinteiro voltou, a Foca já havia comido todas as ostrinhas curiosas, deixando o Carpinteiro muito furioso por ter sido enganado, resultando em tentativas de agressões.

Após ouvir a história, Alice comenta que achou muito triste, mas apenas teria uma moral se ela fosse uma ostra e, como não o é, iria embora. Os gêmeos insistiram para que ela ficasse, mas foi em vão e Alice retomou sua missão para tentar encontrar o coelho branco.

Após andar um pouco, encontrou uma casa, aonde vivia exatamente o coelho que a confundiu com sua funcionária e solicitou que procurasse suas luvas. Sem conseguir explicar, Alice entrou na casa, mas, ao invés de luvas, encontrou biscoitos que decidiu comer. Alice cresceu muito novamente.

O coelho, confundindo Alice com um monstro, ficou muito assustado e, desesperado para tirá-la de sua casa, chamou o Capitão e pediu que ele, por favor, se livrasse daquela criatura. Sem saber o que fazer, chamou o Lagarto, que vinha andando com uma escada, para tirar o “monstro” pela chaminé. Porém, também não deu certo. A opção, então, foi de queimar a casa e, conseqüentemente, o monstro.

Durante toda essa confusão, Alice ficou pensando no quê poderia fazer para diminuir seu tamanho novamente e, ao constatar que precisaria comer mais alguma coisa, optou por uma cenoura da horta que lá havia, despertando a fúria do coelho, que a chamava de canibal. Alice comeu mesmo assim e, finalmente, conseguiu diminuir, mas não conseguiu seguir o coelho que, novamente, saiu correndo dizendo que estava atrasado.

Alice conseguiu chegar a um lindo jardim, no qual as flores falavam e também cantavam. Após certa discussão das flores para a escolha da música, optaram por Jardim das Flores. Terminada a canção, passaram a questionar Alice sobre que tipo de flor ela seria. No entanto, sem chegar a nenhuma conclusão, consideraram que ela seria um matinho e a expulsaram do jardim de forma muito agressiva, deixando Alice brava com a falta de educação das flores, dizendo que, se fosse grande, arrancaria todas elas.

Enquanto reclamava, começou a ver fumaças coloridas e com diversos formatos e, ao ver do que se tratava, constatou que era uma lagarta fumando argüilé. Começaram a conversar, mas também não se deram bem, pois Alice comentou que seu tamanho no momento – 10 centímetros – era um tamanho ridículo, ofendendo a lagarta, que tinha exatamente esta altura. A conversa acabou quando a lagarta se transformou em borboleta e saiu voando. Porém, antes de ir embora a aconselhou sobre como voltar ao seu tamanho normal, com os cogumelos. Após certa dificuldade, Alice conseguiu retomar sua altura de outrora.

Saiu então, determinada a encontrar um caminho que a levasse aonde gostaria, mas apenas encontrou um gato falante, que lhe disse que ela poderia ir até o Chapeleiro Doido ou até a Lebre de Março, mas que tudo e todos naquele lugar era maluco.

Alice acabou encontrando o Chapeleiro Doido e a Lebre de Março juntos, pois esses estavam comemorando seu desaniversário – que acontecia todos os dias e era muito importante, já que todos só fazem aniversário uma vez ao ano. Eles, no entanto, acharam de

extrema grosseria Alice ter se sentado sem ter sido convidada, mas, após certo tempo, a aceitaram lá.

Conversaram uma conversa maluca até o momento em que o coelho branco lá apareceu, causando muito entusiasmo em Alice, que ainda estava interessada em segui-lo. Entretanto, ao perceber que o havia perdido novamente, decidiu ir para casa utilizando o mesmo caminho que usou na ida, mas se perdeu. Após ver muitas aves diferentes das que estava acostumada a ver, acabou encontrando um caminho para seguir e, contente, realmente o seguiu, mas o caminho foi apagado sem que ela pudesse chegar a lugar algum.

Muito triste, Alice não sabia mais o que fazer e optou por ficar sentada esperando que alguém a achasse, lamentando por não seguir os conselhos que dá a si mesma, como sobre ter juízo e alegando que não consegue segui-los, devido a sua enorme curiosidade.

Chorou durante muito tempo, até que o Gato falante novamente apareceu. Alice explicou a situação, dizendo que apenas gostaria de ir para casa, mas o Gato disse que ela não poderia achar o caminho, já que todo aquele lugar era da Rainha. Alice quis conhecê-la e, finalmente, viu um caminho a sua frente.

Enquanto andava no labirinto que a fazia chegar até o castelo, encontrou jardineiros cartas de baralho falantes pintando rosas brancas com tinta vermelha e explicaram que precisariam fazer isso, pois plantaram as rosas da cor errada e, se a Rainha visse, os mataria.

Pintaram até ouvirem o som que comunicava que a Rainha estava chegando e se jogaram no chão. Antes da rainha, milhares de soldados, que também eram cartas de baralho, passavam pelo local, servindo de escolta.

A Rainha finalmente apareceu anunciada pelo coelho branco, assim como o rei. Enquanto era saudada, um pouco de tinta vermelha escorreu e ela pôde perceber que as rosas haviam sido plantadas erradas e ficou muito furiosa, querendo saber de quem havia sido a culpa. Como ninguém se entregava, a decisão real foi de cortar as cabeças de todos os envolvidos.

Enquanto iam para seu destino cruel, o restante das cartas cantava comemorando a decisão, até a Rainha gritar para que todos se calassem e encontrar Alice. Querendo saber para onde iria, Alice respondeu que apenas gostaria de encontrar seu caminho, o que causou grande fúria na Rainha, que respondeu que tudo ali era dela.

Após se acalmar, convidou Alice para um jogo. Todos no reino faziam de tudo para que a Rainha vencesse e, quando algo não saía como ela queria, novamente se ouvia o grito “Cortem a cabeça!”.

Chegou a vez de Alice jogar e, conforme esperava, fizeram de tudo para que ela não ganhasse, deixando-a irritada. E, assim, apareceu o Gato falante novamente, e deu a ideia de irritar a Rainha. Mesmo contra a vontade de Alice, ele o fez e conseguiu. Muito brava, a Rainha ordenou que cortassem a cabeça de Alice, mas com a sugestão do Rei, aceitou que fizessem um julgamento,

Todo o reino compareceu ao julgamento, que foi feito conforme as vontades da Rainha. Após muita confusão, o veredicto foi o que todos já imaginavam: “Cortem a cabeça!”. Mas Alice se lembrou que havia guardado os cogumelos que poderiam fazer com que ela crescesse e se livrasse de toda aquela situação.

Optou por comê-los e, novamente muito grande, afirmou não ter mais medo. Contudo, enquanto falava para os soldados e para a Rainha tudo o que gostaria, percebeu que voltou a diminuir – havia comido os dois lados do cogumelo, o que fazia crescer e o que fazia diminuir.

Mais irritada do que nunca, a Rainha ordenou que lhe cortassem a cabeça naquele exato momento. Todos os soldados carta de baralhos saíram atrás de Alice pelo labirinto. Após muita perseguição, Alice conseguiu chegar até a mesma porta pela qual entrara e constatou que estava a salvo por um grande motivo: estava apenas dormindo.

Ao acordar, reencontrou sua irmã, sua gata Diná e, aliviada, foi tomar seu chá. Dessa vez, sem Chapeleiros e nem Lebres.

5.4 As Aristogatas (1970)

Paris, 1910. Madame Adelaide Bonfamille é uma milionária senhora, dona de quatro gatos: Duquesa e seus três filhotes Marie, Berlioz e Toulouse.

Certo dia, a Madame chamou seu advogado até sua casa, para tratar de assuntos referentes ao seu testamento, alegando que deixaria toda a sua fortuna para seus gatos. No entanto, o que era para ser um assunto particular, não foi, devido à escuta direta que Edgard, o mordomo, tinha em seus aposentos.

Assim, a decisão do testamento se consistiu em ter os gatos como primeiros beneficiários e, apenas após sua morte, Edgard poderia ser o dono de todas as riquezas. Furioso com a decisão de sua patroa e cego pela quantidade de dinheiro que teria, resolveu dar um jeito de se livrar dos gatos.

Enquanto Edgard traçava o plano, os gatinhos, sem nada imaginar, brincavam e cuidavam de sua educação, pois, segundo sua mãe Duquesa, aristogatos devem ser educados, ter habilidades musicais e artísticas e nunca devem brincar de lutar, arranhar ou morder.

Durante a aula dos gatinhos, Edgard executava a primeira parte de seu plano, que consistia em fazer o prato preferido dos gatos, mas com o acréscimo de um potente sonífero, para que enquanto dormissem, fossem levados para longe da mansão. Dessa forma, o caminho para garantir o acesso á fortuna da Madame Adelaide estaria livre. Após Edgard servir-lhes a comida, os gatos comeram bastante e logo sentiram muito sono e dormiram profundamente. O mordomo, mal intencionado, colocou os quatro em uma cesta e os levou para uma cidade no interior da França, pensando que seria impossível que eles achassem o caminho de volta.

Quando estava chegando ao local planejado, dois cachorros o farejaram e resolveram atacá-lo. Os cães discutiram como seria realizada ação e o que se dizia superior afirmou que morderia o banco da lambreta, pois, como é o chefe, pode morder a parte mais macia.

Quando Edgard se aproximou ainda mais, os cachorros saíram latindo e correndo, tentando mordê-lo e, assim, prejudicando seu plano. No entanto, conseguiu deixar os gatos no local, mesmo que não da forma que havia pensado, pois teve que fugir e, ainda assim, foi mordido, perdeu seu chapéu, seu guarda chuva e, até mesmo, parte de sua lambreta.

Após algumas horas, os gatos acordaram e ficaram muito assustados por estar em um lugar desconhecido, escuro e com uma forte chuva. Duquesa tentou acalmar seus filhotes, mas a situação apenas piorava com os raios e trovões.

Ainda durante a noite, a Madame Adelaide acordou e, após ter tido um pesadelo, logo passou a chamar por Duquesa e pelos gatinhos, constatando rapidamente que eles haviam sumido. O desespero logo tomou conta dela e do ratinho Roquefort – grande amigo dos gatos – que decidiu sair, mesmo com o tempo ruim, para procurá-los pelas ruas da cidade, temendo que o pior pudesse acontecer. Porém, não conseguiu encontrá-los.

Na manhã seguinte, o tempo havia melhorado, porém os gatos continuavam perdidos. Neste momento, Thomas O'Malley, um gato vira lata, apareceu e os encontrou. Encantado pela beleza de Duquesa e pelos gatinhos, O'Malley resolveu ajudá-los a voltar para Paris.

Para ajudá-los, ele precisaria de um veículo e, ao ver que um estava se aproximando, se preparou e pulou em frente ao carro, assustando muito o motorista, que teve que parar. Durante essa parada, Duquesa e os gatinhos puderam entrar e iniciar sua jornada à Paris. Enquanto se despediam, Marie caiu do veículo, fazendo com que O'Malley tivesse que salvá-la e, então, ir com eles ao destino final.

No entanto, tudo parecia estar saindo conforme o previsto, até que o motorista viu os cinco gatos em seu carro e os expulsou, atirando objetos neles. Enquanto fugiam, encontraram uma casa e lá entraram, para pensar no que fariam e optaram por ir andando.

Após uma série de obstáculos em seu caminho, os gatos encontraram duas gansas que também pretendiam ir até Paris e as acompanharam pelo longo caminho.

Ao finalmente chegarem ao seu destino, foram até um restaurante conhecer o tio das duas gansas, que estava muito embriagado, pois acabara de fugir do que seria um prato de “Ganso ao Vinho Branco”. Após se despedirem da família ganso, voltaram a procurar a casa dos gatos.

Enquanto isso, Edgard tentava recuperar o chapéu e o guarda chuva que deixara no mesmo lugar aonde havia abandonado os gatos, pensando em eliminar as pistas. Ao chegar, reencontrou os cães e pôde perceber que estavam usando seus pertences, o que dificultaria a retomada dos mesmos.

Durante uma de suas tentativas, o cão chefe acordou e pensou ter ouvido ruídos de sapatos, mas o outro disse apenas ser um grilo e voltaram a dormir. No entanto, esse pensamento não durou muito tempo e os cães viram Edgard, mas, mesmo assim, dessa vez ele conseguiu fugir.

Os gatos seguiam em sua aventura para voltar pra casa, mas os filhotes estavam muito cansados e precisavam dormir, afinal, já era tarde. Assim, O’Malley se lembrou de seus amigos de Paris e os levou para seu apartamento, aonde estava acontecendo uma grande festa. Após horas de música, agito e diversão, os filhotes finalmente foram dormir, enquanto Duquesa e O’Malley conversavam. Estavam apaixonados, mas Duquesa realmente precisava voltar para casa e eles não poderiam ficar juntos.

Na manhã seguinte, os gatos finalmente encontraram sua casa e O’Malley pôde ir embora. Contudo, Edgard percebeu a volta dos bichanos antes da Madame Adelaide, o que resultou na fúria do mordomo, que, novamente, pegou os gatos, com intuito de levá-los para longe dali. Como, no momento, não seria possível, os colocou em um saco e os jogou dentro do formo. Nem o fato de Madame Adelaide tê-los ouvido foi suficiente para que o mordomo os soltasse, pois ele conseguiu enganá-la, afirmando que havia sido apenas sua imaginação.

Atento, o ratinho Roquefort ouviu as súplicas de Duquesa e, prontamente, foi procurar ajuda com O’Malley, que solicitou imediatamente que Roquefort fosse buscar a ajuda dos outros gatos, enquanto ele iria até a mansão tentar ajudar.

Mesmo com medo dos gatos, o ratinho foi até o beco. Ao chegar, foi atacado até conseguir se lembrar do nome de quem o mandou lá: O’Malley. Assim que falou o nome, todos os gatos seguiram Roquefort até a mansão para livrar Duquesa e os filhotes do que Edgard queria fazer.

Chegando lá, uma batalha entre Edgard e O'Malley já estava acontecendo. O reforço chegou exatamente no momento em que O'Malley também estava preso e, enquanto os gatos atacavam o mordomo, o ratinho Roquefort finalmente conseguiu abrir o baú aonde estavam Duquesa e seus gatinhos.

Nesse momento, Edgard ainda conseguiu fechá-los de novo, mas os gatos conseguiram impedi-lo, jogando no mordomo objetos que o prenderam e o fizeram cair dentro do baú, que foi levado por um caminhão para longe dali.

Encerrada toda a confusão, Madame Adelaide finalmente reencontrou seus queridos gatos e, mais do que isso, deu abrigo a todos os outros, pois montou uma instituição para gatos vira latas de Paris.

5.5 Cinderela (1950)

Em um reino distante havia um belo castelo, aonde vivia um senhor viúvo e sua filha, Cinderela. Apesar de dar a sua filha todo amor e luxo possíveis, o pai de Cinderela acreditava que faltava a ela o carinho de uma mãe, resolvendo se casar novamente e escolhendo como esposa uma mulher também viúva, mãe de outras duas filhas, Anastácia e Brizella.

Após a morte deste senhor, a madrasta de Cinderela revelou ser uma mulher cruel e maldosa, defendendo apenas o interesse de suas próprias filhas. Com o passar dos anos, toda a riqueza da família foi se esgotando, devido aos gastos com Brizella e Anastácia, enquanto Cinderela era utilizada como serviçal, sendo obrigada a realizar todas as atividades domésticas e sendo apelidada pelas filhas da madrasta de Gata Borracheira.

Contudo, apesar de todo o trabalho sem gratificação, Cinderela continuava sendo a mesma sonhadora de outrora. Devido a isso, cultuava a amizade de pássaros, ratos e outros animais que viviam nos arredores do castelo. Esses animais a acordavam toda manhã, para que recomeçassem os dias de incessante trabalho.

Em uma destas manhãs, enquanto contava o sonho que havia tido para seus amigos, fora interrompida pelo relógio, que indicava que era hora de se levantar e, descontente, disse em tom de desabafo “Até ele me manda!”.

Enquanto se arrumava para iniciar o dia, foi comunicada de que um novo rato havia chegado ao castelo e fora resgatá-lo da ratoeira, para que este não caísse nas garras do gato da madrasta, Lúcifer, que é tão malvado quanto sua dona e usufrui dos luxos proporcionados a ele, como ser o primeiro da casa a ser alimentado. Além disso, o gato tem uma relação problemática com Bruno, o cachorro que vive lá. Entretanto, a qualquer sinal de conflitos

entre os dois, sempre causados por Lúcifer, Bruno é castigado, sendo colocado para fora do castelo, enquanto o bichano segue confortável, devido às ordens da madrasta.

Após alimentar Lúcifer e os outros animais do castelo, seguiu sua rotina levando o café da manhã para Anastácia, Brizella e para a Madrasta, assim que estas despertaram. Ao entrar nos quartos, Cinderela já sai com diversas atividades que deverá realizar durante o dia, como lavar, passar e costurar.

Assim, o que parecia estar sendo um dia normal começou a se mostrar diferente quando uma das irmãs encontrou o rato Tatá, que estava se escondendo de Lúcifer, em sua xícara e prontamente acusou Cinderela. A madrasta, então, a chamou até seu quarto e, como forma de puni-la, deu-lhe ainda mais atividades domésticas para executar.

Enquanto isso, no castelo real, o rei se encontrava desesperado, devido ao fato de seu filho príncipe estar voltando de uma viagem e ainda não ter uma pretendente com quem se casar e ter filhos, o que resultaria na não realização do sonho do rei de ser avô. Apesar da insistência do duque em fazer com que o rei tivesse mais paciência, este não se acalmava e, por diversas vezes, agrediu o duque por ele manifestar uma opinião contrária a sua. Percebendo que precisaria tomar alguma providência, decidiu oferecer um baile em homenagem ao retorno do príncipe, no qual todas as jovens solteiras deveriam comparecer.

Neste momento, Cinderela estava quase terminando de limpar o salão quando percebeu que Lúcifer acabara de sujá-lo novamente, e de propósito, com suas patas. Enquanto repreendia o gato por sua atitude, a campainha tocou e Cinderela recebeu um comunicado da corte e foi entregá-lo a madrasta, que o leu em voz alta. Cinderela, ao receber a notícia, se sentiu feliz por se tratar de um convite para “toda jovem do reino” e disse que, então, iria. A madrasta respondeu que ela poderia comparecer ao baile se terminasse todos os seus afazeres.

Frente à permissão, as irmãs Brizella e Anastácia ficaram inconsoláveis. Contudo, esta tranquilizou as filhas reafirmando que havia dito “se terminasse”.

Cinderela foi até seu quarto, no alto da torre, para escolher um vestido e ao perceber que teria que reformá-lo para poder ir, começou a novamente ser chamada e constatou que não conseguiria arrumá-lo a tempo. Tristes, seus amigos animais resolveram ajudá-la e deixar o vestido pronto para o baile. Assim, pegaram faixas e contas que as irmãs jogavam fora e conseguiram fazer um belo vestido.

Após um longo dia de trabalho, Cinderela subiu até seu quarto já sem esperanças, quando se deparou com o belo vestido. Agradeceu, se vestiu e desceu a tempo de ir ao baile. Contudo, Brizella e Anastácia logo notaram seus objetos no vestido de Cinderela e passaram a agredi-la de forma física e verbal, chamando-a de ladra e de gata borralheira.

Cinderela ficou inconsolável e foi chorar em seu jardim, quando apareceu sua fada madrinha, no intuito de ajudá-la a ir ao baile. Transformou uma abóbora em carruagem, ratos em cavalos e fez um lindo vestido. Entretanto, comunicou-a de que o encanto teria fim à meia noite. Cinderela foi ao baile e, assim que a viu, o príncipe se encantou e dançaram a noite toda, mas ao ver que o horário se aproximava, saiu correndo e foi embora, deixando apenas um sapatinho pelo caminho.

O príncipe ficou desolado e decidiu que só se casaria com a dona daquele sapato, o que resultou na ira do rei, que novamente ficou muito bravo, chegando até mesmo a agredir o duque, a quem culpou pelo acontecimento.

E, assim, o duque novamente foi às casas das jovens solteiras experimentar o sapato perdido. Quando chegou ao castelo de Cinderela, as irmãs foram chamadas para fazer a prova, enquanto a madrasta a prendeu, apesar de suas súplicas, por desconfiar que fosse a dona do sapato. Inconformados, seus amigos ratos se esforçaram ao máximo para pegar de volta a chave e levá-la para que Cinderela pudesse se soltar e, finalmente, realizar seu sonho de se casar. Porém, Lúcifer apareceu para atrapalhar o resgate e Cinderela chamou Bruno, o cachorro, para pegar o gato e tirá-lo de lá.

Ao conseguirem, Cinderela desceu as escadas correndo e, apesar de a madrasta conseguir quebrar o sapato, havia outro que foi experimentado. Cinderela e o príncipe, então, se casaram e, conforme a história conta, viveram felizes para sempre.

5.6 Hércules (1997)

Na Grécia Antiga houve uma época de deuses e heróis magníficos, sendo que o maior e mais forte deles foi Hércules. Contudo, sua história não foi toda de glórias e vitórias.

Ao nascer, Hércules, filho de Zeus e de Hera, foi presenteado com muito amor e com um cavalo alado, Pégaso, que seria seu animal de estimação. Dono de uma força incrível desde bebê, Hércules era o orgulho de seu pai. No entanto, tanto amor e tanta força gerariam muita inveja e ameaças.

Hades, deus do submundo, ao saber que, após completar 18 anos, Hércules poderia ser àquele que impediria que ele assumisse o controle do Monte Olimpo com o mal, traçou um plano para acabar com a vida do jovem deus. Combinou com seus assistentes Agonia e Pânico que eles roubariam o bebê do Olimpo e com uma poção, o transformariam em mortal, podendo, assim, acabar com sua vida e deixando o caminho livre para Hades.

Entretanto, Hércules não tomou a poção até a última gota, o que resultou no insucesso do plano do deus do submundo, já que Hércules se tornou mortal, mas não perdeu sua incrível força.

Ao ser encontrado por um casal, o bebê foi adotado e passou a ter uma vida aparentemente normal, se não fosse por sua força desproporcional, que Hércules não conseguia controlar e causava-lhe muitos problemas, fazendo com que ele fosse indesejado na cidade, já que toda vez que aparecia, quebrava muitas coisas.

Muito chateado com a rejeição, Hércules começou a se isolar e, vendo seu sofrimento, seus pais resolveram contar-lhe o grande segredo que guardavam há tantos anos: ele havia sido achado com o medalhão dos deuses, o que significava que eles poderiam ter as respostas que ele tanto buscava.

Decidido a chegar até o templo de Zeus, Hércules viajou, deixando para trás seus pais e tudo o que vivera até então. Após percorrer longas distâncias, ele finalmente conseguiu chegar ao seu destino, teve a maior surpresa de sua vida: Zeus era seu pai. Entretanto, por ser mortal não poderia regressar ao Monte Olimpo até que provasse ser um verdadeiro herói.

Para tal, foi instruído a procurar Filoctetes, o maior treinador de deuses gregos e contaria com a ajuda de Pégaso, seu cavalo que finalmente pode reencontrar. Então, muito otimista Hércules foi em busca de se tornar um verdadeiro herói.

Contudo, quando encontrou Filocteres, percebeu que sua missão não seria assim tão simples, pois inicialmente precisaria convencê-lo a realizar o treinamento, já que ele estava tão decepcionado com os outros heróis que treinara que se aposentou e estava irredutível.

Após ser zombado pelo treinador por dizer que era filho de Zeus, insistir muito e contar com a ajuda de seu pai, que jogou um raio no treinador, Hércules finalmente conseguiu convencer o treinador a iniciar o trabalho para torná-lo um verdadeiro herói.

Depois de treinar durante meses, conquistar a confiança de Filocteres, ou Fil, como preferia ser chamado, e aperfeiçoar suas técnicas de combate, finalmente chegou a hora de fazer um teste real, indo para uma cidade cheia de problemas.

Ainda no caminho, já pôde observar que havia uma donzela em perigo e correu para salvá-la. No entanto, ao se deparar com a resistência em ser salva da moça, se desconcentrou e percebeu que precisaria de mais do que apenas força para conseguir ser um herói. Após apanhar bastante da ameaçadora criatura que estava combatendo, Hércules finalmente conseguiu usar seu poder e salvar a donzela em questão.

Contudo, ela continuava resistindo e insistindo que não precisava de herói algum. Porém, encantado por ela, Hércules quis saber seu nome e assim conheceu Meg e se apaixonou. Porém, teve que ir embora, afinal, ainda precisava provar ser um verdadeiro herói.

No entanto, Meg não era uma mulher comum, devido ao fato de ter vendido sua alma à Hades, que ao saber que Hércules continuava vivo, ficou extremamente infeliz e irritado com seus serviçais Agonia e Pânico e começou a traçar um novo plano.

Enquanto isso, Hércules chegou à cidade que teria que salvar e passou a tentar conquistar a confiança dos cidadãos de lá, que também se apresentavam resistentes a confiar em um novo herói.

Neste momento, Meg apareceu dizendo que duas crianças estavam presas e Hércules viu nessa situação sua grande chance de provar seu potencial, optando por seguir a moça até o local aonde o suposto acidente havia acontecido. Todavia, tudo se tratava de um plano de Hades e, logo após salvar as crianças, um enorme monstro apareceu, mostrando que a situação seria muito mais difícil do que aparentava.

Assim, uma grande batalha aconteceu e, após lutar até quase morrer, Hércules conseguiu vencer e começou a conquistar a confiança dos cidadãos, que observavam tudo.

A partir desse momento, a fama de Hércules só crescia, assim como seus feitos como herói. Ele se tornou ídolo de todos. Porém, conforme seu sucesso crescia, a fúria de Hades também aumentava e ele precisou começar a traçar um plano que pudesse ser mais efetivo. Para tal, precisava encontrar o ponto fraco de Hércules e, para tal, decidiu usar os charmes de Meg, que tinha uma dívida a pagar. Assim, o combinado seria: Meg diz como derrotar Hércules e Hades devolve sua alma e consequente liberdade.

Enquanto Hades traçava seu plano, Hércules contava seus feitos a Zeus, crendo que seriam suficientes para que ele pudesse voltar ao Olimpo, mas ainda não era um verdadeiro herói e teria que continuar tentando, apesar do desânimo que essa notícia lhe trouxe.

Após vencer sua tristeza com a motivação dada por Fil, Meg apareceu e deixou o humor de Hércules ainda melhor, que decidiu faltar aos treinos para tirar o dia de folga com a donzela que tanto o encantava. Assim, passaram todo o dia juntos e Hércules se apaixonou, tornando possível que Hades descobrisse finalmente qual era seu ponto fraco: Meg.

Entretanto, Fil viu Meg e Hades conversando e percebeu que tudo se tratava de um plano para destruir Hércules e, muito preocupado, foi contar para o semi deus, que, cego pela paixão, não acreditou e brigou com seu treinador, que ficou muito ofendido e resolveu ir para sua casa, acreditando que Hércules seria apenas mais uma decepção, assim como os outros heróis que treinou.

Assim que Fil foi embora, Hades apareceu e tentou convencer Hércules a desistir de ser herói por pelo menos um dia. Frente a negativa do rapaz, Hades mostrou que estava com Meg e afirmou que apenas a soltaria se Hércules desistisse de sua força durante 24 horas, que seriam suficientes para que ele pudesse conquistar todo o Monte Olimpo.

Desesperado frente ao que estava acontecendo e confiando na promessa de que Hades não machucaria Meg, Hércules aceitou e, então, uma grande batalha no Olimpo aconteceu.

Assim, quando todos os planetas se alinharam, Hades convocou os titãs, monstros terríveis, para se vingar de Zeus que os havia prendido e destruir todo o Olimpo e a Grécia. Dessa forma, uma grande guerra entre deuses e titãs começou.

A população, desesperada com o que estava vendo, clamava por Hércules, mas ele, sem forças, não pôde ajudar e apenas sofria agressões da criatura responsável por matá-lo.

Aflita com a iminente morte de Hércules, Meg foi procurar Fil para que pudesse ajudá-los e após certa resistência, ele aceitou. Quando chegou, percebeu que Hércules estava conseguindo lutar mesmo com a ausência de sua força e derrotou o monstro.

Nesse momento, um pilar que se rachou estava caindo em Hércules, mas Meg se colocou na frente, se ferindo muito. Desolado, o herói foi tentar salvá-la quando, surpreso, percebeu que sua força havia voltado: a promessa de não machucar Meg havia sido quebrada.

Com seu poder de volta, Hércules foi salvar a Grécia e o Olimpo enquanto Fil se responsabilizou pelos cuidados de Meg. A batalha foi intensa e, após conseguir libertar os deuses, conseguiram vencer os titãs.

Contudo, Meg não aguentou e acabou morrendo, para o total desespero de Hércules, que decidiu que a salvaria de qualquer forma. Para conseguir fazer isso, Hércules foi até o mundo inferior e ofereceu sua alma para salvar sua amada donzela.

Quando Hades aceitou, Hércules mergulhou no mar dos mortos para salvar Meg e, neste momento, a transformação ocorreu: ele conseguiu provar que era um verdadeiro herói. Assim, conseguiu salvar Meg sem morrer e, ainda, derrotou Hades de uma vez por todas.

Assim, provando ser um verdadeiro herói, Hércules poderia voltar a morar no Olimpo, o que causou grande felicidade entre os deuses. Entretanto, Hércules não aceitou a ida para a casa de todos os deuses, por afirmar que uma vida sem sua amada Meg, mesmo que imortal, seria vazia, optando por uma vida na terra e feliz por ter encontrado seu verdadeiro lugar no mundo.

5.7 Mulan (1998)

Na China, tudo estava em paz, até que o exército mongol atacou o país, o que deu início a uma grande guerra.

Enquanto isso, em uma casa um pouco afastada da capital, Mulan se preparava para ser submetida aos testes que observariam se ela tinha as qualidades necessárias para servir de esposa para algum homem.

Após treinar e estudar as qualidades e dotes que deveria ter, Mulan foi até a cidade para fazer a prova, que consistia em demonstrar boas maneiras e capacidade para cuidar do marido, como saber servir o chá corretamente. No entanto, apesar de sua avó até mesmo ter lhe dado um grilo da sorte, tudo parecia dar errado, e muito zangada com as trapalhadas de Mulan, a casamenteira decretou que a garota não estava apta a se casar e que jamais poderia honrar sua família.

Muito chateada, Mulan voltou para sua casa pensando que nada pior poderia acontecer, mas aconteceu. Devido ao anúncio da guerra, o imperador da China decretou que toda família deveria ceder um homem para o exército chinês, o que implicava em seu pai - que já estava idoso e com sequelas de batalhas anteriores - ter que lutar pelo país.

Mulan ficou muito preocupada e implorou para que seu pai fosse liberado, mas foi em vão e ele realmente teria que servir. Inconformada, a garota ainda pediu a seu pai que não fosse, mas devido à honra que lutar pelo país trazia, ele não aceitou, afirmando que tinha orgulho de lutar e que Mulan deveria aprender qual era o seu lugar na família e na sociedade, ou seja, não deveria opinar, principalmente na frente de outros homens.

Contudo, nem mesmo essa afirmação de seu pai fez com que Mulan desistisse de tentar salvá-lo. A solução que encontrou, então, foi a de se disfarçar de homem, roubar a armadura e espada de seu pai e ir para a guerra no lugar daquele a quem desejava tanto proteger.

Apesar de a fuga de Mulan ter trazido muita tristeza a sua família, seu pai sabia que delatá-la seria pior, pois lhe causaria a morte e, desta forma, só restava que pedissem aos ancestrais que a protegessem e foi exatamente isso o que fizeram.

Os ancestrais também ficaram inconformados com o ocorrido, mas como tinham a função de ajudar, escolheram a criatura que julgavam mais poderosa: um grande dragão de pedra. Mas o dragãozinho Mushu, cuja única função no templo é fazer soar o gongo para acordar os outros ancestrais, quebrou acidentalmente a estátua do tal dragão ao tentar fazê-la ganhar vida e, temendo a ira dos ancestrais, resolveu, também às escondidas, ajudar Mulan a voltar vitoriosa da guerra, para assim conseguir se tornar guardião da família e ganhar o respeito dos ancestrais. Porém ele não iria sozinho, teria ajuda do grilo da sorte.

Então, com a ajuda do dragãozinho Mushu e do grilo da sorte, Mulan chegou ao exército com objetivo de conseguir manter sua farsa e viver como os homens, que logo percebeu que tinham como lazer as agressões físicas.

Como os treinos eram rigorosos, ela precisava se esforçar mais ainda para que ninguém desconfiasse de nada, porém seus erros não cessavam e o comandante Lee já estava ficando irritado com suas constantes falhas, o que mostrou que seu esforço não estava sendo suficiente e ela precisaria de mais.

Após muito treinar, Mulan, que utilizava o nome de Ping, foi adquirindo as habilidades necessárias e acabou sendo considerada um dos melhores soldados do exército, começando a conquistar a confiança do comandante Lee e o respeito dos outros soldados, mas foi em um dos ataques dos mongóis que Mulan realmente se consagrou.

Nesse ataque, Mulan conseguiu salvar a vida de todos, inclusive a de seu comandante, que após o ocorrido afirmou que, a partir daquele momento, Ping, ou seja, Mulan, seria seu homem de confiança no exército.

Contudo, durante este ataque Mulan também se machucou e necessitou de cuidados especiais. Quando o comandante Lee foi visitá-la em sua barraca, pôde perceber que, na verdade, se tratava de uma mulher e ficou muito desapontado. Além disso, foi humilhada pelo homem de confiança do imperador, que queria matá-la por traição. Contudo, em gratidão a Mulan ter salvado sua vida, o comandante Lee não permitiu que isso acontecesse, mas não a perdoou.

Expulsa do exército e desolada, Mulan pensava em como encararia seu pai, quando percebeu que os mongóis não haviam morrido durante a batalha e estavam com ainda mais vontade de conquistar o império chinês.

Enquanto Mulan corria para chegar a tempo de comunicar sobre o ataque, a capital estava em festa, pois pensavam que a guerra já havia sido vencida. Quando Mulan chegou, ninguém quis ouvi-la devido ao fato de ser mulher. Apesar de suas inúmeras tentativas, o exército apenas percebeu que a garota estava certa quando os mongóis apareceram atacando.

Ainda motivada a ajudar, Mulan foi até os soldados para dar uma ideia e, apesar da desconfiança inicial, eles acabaram a ouvindo.

Após muito tempo de uma intensa batalha, Mulan, já como mulher e todo o exército conseguiram salvar o imperador e, conseqüentemente, toda a China e Mulan, mesmo sendo mulher, foi aclamada pela autoridade maior de seu país e convidada a assumir o cargo de conselheira.

Entretanto, Mulan tinha uma real obrigação com sua família e optou por voltar para casa. Quando estava indo embora, o comandante Lee percebeu que não encontraria outra garota como ela e decidiu segui-la, para que, então, pudessem se conhecer melhor.

Apesar de não ser uma mulher comum, Mulan finalmente conseguiu honrar a sua família, porém não como esposa, mas, sim, como heroína.

5.8 O Corcunda de Notre Dame (1996)

No ano de 1492, em Paris, o juiz Frollo perseguia os ciganos que habitavam as proximidades da Catedral de Notre Dame.

Durante uma noite escura, três ciganos fugiam em um barco, quando o juiz e seus guardas os encontraram e os capturaram. No entanto, uma das ciganas acabou morta, deixando um filho. Ao ver que o bebê era deformado, o juiz Frollo quis matá-lo, mas sob ameaça da ira dos deuses, desistiu, decidindo que o deixaria na torre da catedral e o criaria afastado de todos, pois ele poderia lhe ser útil um dia.

Após 20 anos, Quasimodo – nome dado a ele e que significa meio formado – ainda estava no alto da catedral, ocupado pelo trabalho de tocar os sinos e sonhando com o dia que poderia sair. Apesar de Frollo eventualmente aparecer para visitá-lo, sua única companhia eram três gárgulas Victor, Hugo e Leverne.

Um dos maiores desejos de Quasimodo era poder participar da Festa dos Tolos, festival popular que ele acompanhava anualmente, mas apenas de longe. Com o passar do tempo, sua vontade foi ficando cada vez mais forte, porém o medo de ser ridicularizado e o medo do que poderia acontecer se seu tutor descobrisse eram mais fortes. Contudo, instigado por seus amigos gárgulas, acabou escolhendo descer e participar do festival.

Enquanto isso, o capitão Phoebus voltava de combate e se apresentava à Frollo para ajudar no combate aos ciganos que, segundo o juiz, eram ladrões, maus e responsáveis por tudo de ruim que acontecia na cidade e eram sempre perseguidos por seus guardas. No entanto, o capitão ficou encantado com a cigana Esmeralda, uma linda dançarina, mas tinha que cumprir com suas obrigações.

Durante a festa, Quasimodo estava conseguindo passar despercebido, até que Esmeralda notou sua presença e, ao ver seu rosto, o elogiou pela máscara que usava. Assim, quando foi iniciado o concurso de rosto mais feio de Paris, Esmeralda chamou Quasimodo para subir no palco e, ao puxar seu rosto, percebeu que não se tratava de uma máscara. A população, chocada com tamanha feiúra, silenciou, enquanto Frollo ficou extremamente bravo por saber que havia sido desobedecido.

Após o choque inicial do povo, o apresentador do evento convenceu a todos de que, já que eles queriam eleger o rosto mais feio, então Quasimodo era o rei e todos começaram a comemorar. Quasimodo se sentia muito bem por estar sendo aceito até que os guardas começaram a jogar tomates em seu rosto, dizendo que ele ficaria ainda mais feio e as pessoas que assistiam o festival acompanharam. Quasimodo foi machucado, amarrado e humilhado por todos, sem que ninguém interferisse, inclusive Frollo, que ordenou que ninguém parasse, para que o corcunda aprendesse a lição.

Sentido-se culpada pelo que estava acontecendo e horrorizada pela crueldade e desrespeito que estava vendo, a cigana Esmeralda decidiu livrar Quasimodo daquela humilhação, mesmo sob as ameaças do juiz de fazê-la pagar por sua desobediência. Dessa forma, Frollo ordenou que Phoebus prendesse a cigana, que rapidamente fugiu, deixando todos em busca dela.

Esmeralda, então, entrou na catedral, mas os guardas a acharam mesmo assim. Como Phoebus não queria prendê-la, a orientou que clamasse santuário, o que indicava uma lei que dizia que ela não poderia ser presa enquanto estivesse na catedral. Assim, Esmeralda ficou lá, impossibilitada de sair, pois havia guardas em todas as portas e indignada com o que estava acontecendo e com a falta de respeito às pessoas diferentes, se referindo ao corcunda como um “pobre coitado”.

Quasimodo encontrou esmeralda na catedral, mas como ainda estava chateado pelo ocorrido, fugiu. Esmeralda lhe pediu desculpas, afirmando que se soubesse quem ele era, jamais o teria exposto de tal forma. Assim, eles iniciaram uma amizade, aonde Quasimodo percebeu que nem todos os ciganos eram maus e Esmeralda tentou convencê-lo de que ele não era um monstro, como Frollo sempre fez que ele acreditasse.

Encantado pela cigana e grato pela companhia, Quasimodo decidiu ajudá-la a fugir do castelo sem utilizar as portas. Como forma de agradecimento, Esmeralda lhe deu um amuleto e afirmou que quando precisasse dela, saberia aonde encontrar se o usasse. Então, Esmeralda correu e fugiu.

Ao subir de volta para o topo da catedral, Quasimodo encontrou Phoebus e, furioso, tentou atacá-lo, pois não queria guardas lá. Contudo, o capitão queria apenas dizer para Esmeralda que ele não queria prendê-la e, assim, solicitou que o corcunda lhe desse o recado.

Após dispensar o capitão, Quasimodo voltou para sua casa e seus amigos gárgulas estavam empolgados, afirmando que Esmeralda havia se apaixonado por ele, exatamente devido às suas diferenças. Iludido e animado, Quasimodo não parou de pensar no que lhe foi dito e na perspectiva de tê-la ao seu lado.

Enquanto isso, o juiz Frollo constatava que estava apaixonado por Esmeralda devido a alguma bruxaria que ela teria feito e decidiu que apenas a livraria da prisão e da pena de morte se ela aceitasse ficar ao seu lado. Neste momento, ele foi comunicado de que a cigana havia fugido e, novamente, ficou muito furioso, afirmando que a acharia nem que tivesse que queimar toda a cidade de Paris.

Assim, uma grande busca foi iniciada e Frollo queria cumprir o que prometeu, queimando os locais aonde não encontrava Esmeralda. Sem concordar com as ordens do juiz, Phoebus se recusou a incendiar os locais solicitados e, assim, foi afastado de seu cargo de capitão e, após salvar os cidadãos que seriam mortos no incêndio, foi condenado à morte por insubordinação. Observando a situação em que Phoebus se encontrava, Esmeralda resolveu salvá-lo e o levou até a catedral, aonde solicitou que Quasimodo o escondesse a salvo do juiz.

Apesar da decepção de perceber que Esmeralda estava apaixonada por Phoebus e não por ele, Quasimodo aceitou escondê-lo. Neste momento, o juiz Frollo foi visitá-lo para que jantassem juntos e, percebendo o desconforto do corcunda, constatou que havia algo de errado e descobriu que Quasimodo havia ajudado Esmeralda a fugir, despertando sua ira e o informando que atacaria o esconderijo dos ciganos com muitos soldados.

Preocupados com o que souberam, Phoebus e Quasimodo decidiram que precisavam encontrar o esconderijo antes do juiz Frollo, pois senão muitos morreriam, inclusive Esmeralda. Assim, iniciaram a busca com a ajuda do amuleto que Esmeralda havia dado ao corcunda.

Ao encontrarem, os ciganos os atacaram por pensar que eram espiões de Frollo, mas os soltaram quando Esmeralda disse que eram amigos. No entanto, após comunicarem que o juiz estava a caminho, perceberam que era tarde demais, pois Frollo os havia seguido e também encontrou o esconderijo e, assim, uma grande batalha foi iniciada.

Esmeralda e Phoebus foram capturados e comunicados de que seriam penalizados com suas mortes e Quasimodo foi acorrentado à torre da catedral.

No dia do julgamento e da execução das penas, Esmeralda foi condenada por bruxaria e, neste momento, Frollo lhe deu a opção de ser livrada de sua pena se aceitasse ficar com ele, mas a cigana se recusou.

Enquanto isso, Quasimodo estava preso e desmotivado a tentar salvá-los, mas após conversar com seus amigos gárgulas, resolveu que não poderia ver àquela situação sem fazer nada e conseguiu se libertar para ajudar seus amigos.

O corcunda lutou quando os guardas e, finalmente, conseguiu soltar Esmeralda, deixando Frollo ainda mais nervoso, invadindo a catedral para pegá-los de qualquer forma, mesmo que isso fosse proibido por lei.

Phoebus também conseguiu escapar e convenceu a todos de que o que Frollo estava fazendo era errado, conseguindo que todos se aliassem e lutassem contra o juiz.

Enquanto todos lutavam, Frollo foi até Quasimodo com a intenção de matá-lo e eles começaram a lutar, até que o corcunda conseguiu tirar a faca da mão do juiz e finalmente conseguiu dizer tudo o que sempre quis, pois percebeu que nem todos eram maus e cruéis como ele.

Neste momento, Esmeralda, que estava desacordada, despertou e pôde ajudar Quasimodo, mas foi agredida e caiu.

Quase despencando do alto da torre, Quasimodo estava sem muitas opções do que fazer e, assim que ouviu que sua mãe não o abandonou, mas, sim, foi morta por Frollo, estava sendo segurado apenas por Esmeralda. Assim, Frollo, que estava em cima de umas das estátuas que adornavam a catedral, caiu do alto da torre e morreu. Entretanto, Quasimodo também caiu e também morreria se Phoebus não conseguisse segurá-lo durante a queda.

Após vencerem o juiz, os três amigos se reencontraram e celebraram a vitória e Quasimodo, apesar de apaixonado por Esmeralda, consentiu com a união da cigana e de Phoebus e, mesmo apesar do desconforto inicial que sua aparência novamente causou, foi reconhecido como um grande herói de Paris.

5.9 O Rei Leão (1994)

No reino da Pedra do Rei, nasceu Simba, filho de Mufasa e Sarabi e herdeiro do trono, que fora abençoado por Rafiki, um sábio babuíno. No entanto, esse nascimento não trouxe alegria para todos. Scar, invejoso irmão de Mufasa, nem sequer foi ao dia da apresentação do filhote, o que causou grande descontentamento no rei e resultou em uma briga familiar repleta de ameaças.

Tempos depois da apresentação, Simba já estava maior e, por isso, seu pai resolveu apresentar-lhe todo o reino que um dia irá governar e, até mesmo, os lugares aonde não poderia ir.

Durante o passeio, Zazu, a ave conselheira do rei, apareceu para falar sobre as notícias do reino e, aproveitando a oportunidade, Mufasa começou a ensinar Simba a caçar utilizando a ave como presa. Nesse momento, Zazu recebeu a notícia de que havia hienas nas terras do

rei e Mufasa foi obrigada a interromper o passeio, fazendo com que Simba voltasse para a Pedra do Rei.

Animado com tudo o que havia visto, Simba foi contar ao seu tio Scar sobre as coisas que descobrira. Porém, mal intencionado, o tio resolveu falar para Simba sobre a parte que não poderia ir, dizendo se tratar de um cemitério de elefantes. Mesmo prometendo à Scar que não iria até lá, Simba ficou muito curioso.

Decidido a ir até o cemitério, Simba encontrou Nala, sua melhor amiga, e a convidou para irem juntos. Entretanto, só poderiam ir se tivessem a companhia de Zazu.

Sabendo que a ave não permitiria que fossem até lá, os melhores amigos traçaram um plano de como se livrar de Zazu e, contando com a ajuda de outros animais, finalmente conseguiram despistá-lo.

Ao chegarem ao cemitério de elefantes, Zazu conseguiu reencontrá-los, mas não a tempo de tirá-los de lá antes de as hienas mandadas por Scar perceberem a presença dos leões e persegui-los até conseguirem deixá-los encurralados.

Neste momento, Mufasa, chamado por Zazu (que conseguiu escapar), apareceu e assustou as hienas, que fugiram. Contudo, extremamente decepcionado com Simba, o rei o chamou para uma conversa, na qual explicou que até mesmo os reis sentem medo e que poderia morrer um dia, mas nunca o abandonaria.

Enquanto isso, Scar estava zangado com as hienas, devido ao fato de não terem conseguido matar Simba e, conseqüentemente, não poder assegurar seu lugar ao trono. No entanto, não desistiu e começou a formular um plano para matar Simba e Mufasa ai mesmo tempo. Para contar novamente com a ajuda das hienas, prometeu benefícios a elas quando for rei.

Dias após a elaboração do plano, Scar levou Simba até o desfiladeiro, dizendo que Mufasa o havia mandado esperar lá para receber uma surpresa. Animado, Simba esperou e Scar, então, estava livre para colocar sua ideia em ação.

Após dar o sinal para as hienas, elas começaram a perseguir uma enorme manada de animais, que, assustados, correram em direção ao desfiladeiro, exatamente onde Simba estava.

Com o plano ocorrendo exatamente como o planejado, Scar foi à busca de Mufasa, com intuito de avisá-lo que Simba estava correndo riscos devido à debandada.

Mufasa correu para socorrer o filho e, após muitas dificuldades, conseguiu deixar Simba a salvo. No entanto, não conseguia se safar da manada. Ao ver que Scar estava em um local aonde poderia socorrê-lo, pulou e pediu ajuda para conseguir subir à pedra. Scar,

contudo, se recusou a ajudá-lo, optando por soltar o irmão do alto da montanha, resultando em sua queda, que, por ser muito agressiva, resultou em sua morte.

Simba foi procurar por seu pai e ao constatar que havia morrido, ficou desolado. Neste momento, Scar apareceu e afirmou que o ocorrido era culpa de Simba e que ninguém do reino entenderia o que aconteceu. Ainda mais triste, o filhote indagou sobre o que deveria fazer e seu tio afirmou que ele deveria fugir para o mais longe que conseguisse.

Simba seguiu seu conselho, mas ainda teve que fugir das hienas amigas de Scar, que pretendiam matá-lo.

Após correr para muito longe, Simba não aguentou e, cansado, desmaiou no deserto. Lá ficou até que Timão - um suricato - e Pumba – um javali – o encontrassem e o levassem para onde moravam.

Já familiarizado com Timão e Pumba, Simba foi superando o grande trauma que havia vivido a partir dos ensinamentos de seus novos amigos, que consistiam em deixar o passado para trás e viver sem problemas, o que eles denominavam “Hakuna Matata” – sem problemas. Além disso, aprendeu a comer como eles, desenvolvendo seu gosto por insetos.

Com o passar dos anos, Simba mudou completamente sua vida, de forma que pensava pouquíssimas vezes naquilo que vivera em sua infância, exceto em uma situação na qual conversava com seus amigos sobre o significado das estrelas e se lembrou que seu pai lhe dizia que os antigos reais se tornavam estrelas. Neste momento, Rafiki, o babuíno que o abençoou quando nasceu, percebeu que Simba estava vivo e sentiu renascer um fio de esperança.

Enquanto isso, na Pedra do Rei, a situação apenas piorava, devido à má administração, que resultava na falta de comida e de água para os que lá viviam. Assim, as leas precisavam ir à lugares distantes para caçar.

Em uma dessas caçadas, uma das leas encontrou Pumba e passou a persegui-lo. Ao perceber a situação, Simba foi defendê-lo e se surpreendeu ao perceber que a leoa era Nala, sua melhor amiga na infância.

Nala e Simba se aproximaram cada vez mais e acabaram se apaixonando. Contudo, o sentimento foi deixado de lado quando Nala contou para Simba sobre a situação em que o reino se encontrava e Simba respondeu que aquilo não era problema dele, pois ele não era mais o rei.

Após muita insistência para que Simba voltasse, o leão e Nala discutiram e Simba saiu para pensar. Enquanto refletia sobre o que deveria fazer, encontrou Rafiki, que lhe disse que sabia aonde ele poderia encontrar Mufasa. Após segui-lo, encontrou um lugar no qual seu

reflexo na água foi se tornando o de seu pai. Mufasa, então, apareceu e disse a Simba que ele o havia esquecido e que não poderia esquecer o que ele era e que papel deveria assumir.

Este encontro com seu pai fez com que Simba resolvesse voltar para a Pedra do Reino e combater Scar. Rafiki avisou Nala, Timão e Pumba, que logo seguiram Simba para ajudá-lo.

Ao chegar ao reino, Simba percebeu que a situação era pior do que havia imaginado, pois as hienas comandavam tudo com Scar, o que resultava em uma vida terrível para os outros animais, que eram dominados pela maldade do atual rei.

Simba, então, traçou um plano no qual utilizaria Timão e Pumba como iscas vivas, para distrair as hienas e poder chegar até Scar.

Com o sucesso do plano, conseguiu chegar até seu tio e o desafiou: ou renunciava ao trono, ou lutava. Scar, então, decidiu contar a todos que Simba era o responsável pela morte de Mufasa e, abalado, Simba recuou até o final da pedra, sendo ameaçado de cair. Neste momento, Scar contou à Simba que, na verdade, era ele o responsável pela morte de seu pai.

Furioso com a notícia, Simba conseguiu se restabelecer e se iniciou, então, uma batalha entre leões e seus aliados e Scar e suas hienas.

Quando Scar se viu encurralado por Simba, passou a culpar as hienas pelo ocorrido e a implorar para que o sobrinho não o matasse. Apesar da piedade de Simba, Scar novamente tentou atacá-lo, o que resultou em uma intensa batalha entre os dois. Scar, então, foi derrubado por Simba e, ao cair, foi atacado pelas hienas, que haviam escutado a traição de seu, até então, líder.

Após se livrar de Scar, Simba pôde, finalmente, assumir seu lugar de rei e seguir seu destino. Casou-se com Nala, teve um filho e o reino da Pedra do Rei teve sua paz restabelecida.

6. ANÁLISE DE DADOS

Partindo da ideia proposta por Marilena Chauí (2000) de que a violência pode ser tanto física quanto psíquica, no tocante em que impede que o outro manifeste sua singularidade, é possível inferir que todos os filmes analisados apresentam cenas que remetem à violência e suas diversas formas de manifestação.

No que diz respeito à violência física, essa pode ser vista em diversas cenas, como nos exemplos seguintes. Em “A Bela e a Fera” é possível observá-la quando a Fera prende Maurice, pai de Bela, em seu castelo e também durante a batalha entre os cidadãos da cidade – que estavam lutando a favor de Gastão – e os funcionários do castelo; em “A Dama e o Vagabundo” as agressões físicas podem ser vistas na cena em que os cachorros de rua são levados para o abrigo e, quando não são adotados, são levados para serem mortos, além disso, também é possível observar na cena em que a mulher que cuida da Dama na ausência dos donos da casa bate na cachorra e a expulsa de casa; no filme “Alice no País das Maravilhas” as cenas mais marcantes relacionadas à violência são aquelas em que a Rainha de Copas ordena que seu exército corte a cabeça de todos os que não cumprem suas ordens; em “As Aristogatas” as cenas de violência podem ser vistas quando o mordomo Edgard rapta Duquesa e seus filhotes para se livrar deles e também quando ele (o mordomo) é atacado por dois cães que visavam apenas diversão e quando, no fim do filme, Edgard e muitos gatos travam uma grande batalha; em “Cinderela” tais cenas podem ser observadas na caça do gato Lúcifer aos ratinhos do castelo; em “Hércules” diversas cenas que remetem à violência podem ser observadas nas batalhas entre o protagonista e os monstros que atacam a cidade, além de também ser vista na guerra entre os Titãs e os Deuses; em “Mulan” também há grande incidência de violência nas cenas em que a guerra entre os mongóis e os chineses é mostrada; em “O Corcunda de Notre Dame” o protagonista é agredido pelos cidadãos e diversas cenas de perseguição podem ser vistas; e no filme “O Rei Leão” a cena mais marcante que remete à violência física é aquela em que Scar joga seu irmão Mufasa do alto da montanha, o que resulta em sua morte, além da passagem final do filme, quando há uma intensa batalha pelo trono da Pedra do Rei.

Além das cenas relacionadas à violência física, em uma das passagens mais marcantes do filme “A Bela e a Fera”, o personagem Gastão incita os moradores de sua cidade a atacar a Fera junto com ele e todos aderem à ideia, pegando diversos tipos de armas para atacar aquele que foi considerado o inimigo. A partir disso, realizar uma associação ao fascismo e, principalmente ao nazismo, marcado pela perseguição a alvos específicos. Nesse sentido, é

possível considerar que, como exposto por Adorno (2006), a incapacidade ou dificuldade de se identificar com outras pessoas, tal como a consciência mutilada e a frieza que são produzidas e reproduzidas pela sociedade podem tornar os indivíduos mais propícios a aderirem a manifestações de violência. Na cena exposta, cabe considerar que, frente a uma imagem ou situação, conteúdos que antes estavam reprimidos vêm à tona, podendo resultar em manifestações de violência e destruição (MARCUSE, 1975). Além disso, também cabe considerar a ideia de uma educação fria voltada para a rigidez, que também pode fazer com que os indivíduos sejam demasiadamente duros com os outros (ADORNO, 2006). A mesma forma de manifestação de violência pode ser observada no filme “O Corcunda de Notre Dame”, quando Quasimodo, em praça pública, é agredido, porém nesse caso tais manifestações ocorrem tanto através da violência psíquica, realizada pelo preconceito, quanto pela física, vista nos momentos em que amarram o protagonista e jogam diversos tipos de objetos no mesmo.

No filme “Cinderela” se observa em diversos momentos formas de agressão à protagonista, que é considerada inferior por sua madrasta e suas filhas, assim como em “A Dama e o Vagabundo”, quando o cachorro vira-lata denominado Vagabundo é inferiorizado pelos cães de raça por morar na rua. A violência dirigida aos que são considerados mais fracos e felizes é, conforme afirmando por Adorno (2006), reafirmada em diversos momentos da história. Nesse contexto, é possível considerar a hipótese de que a fraqueza incomoda devido aos princípios de uma educação inflexível, que produz indivíduos tão rígidos consigo mesmos que são incapazes de admitir qualquer forma de fraqueza, tanto em si quanto nos outros (ADORNO, 2006).

Nesse contexto é possível pensar na sociedade atual, voltada para a produtividade e em que aquele que não é considerado eficaz e útil é excluído. Assim, talvez o fato de tanto Vagabundo quanto Cinderela serem considerados socialmente inferiores e mesmo assim se sentirem felizes, pode gerar grande incômodo, evocando desejos e impulsos que foram reprimidos e, até mesmo, sublimados nos indivíduos que são, conforme pontuou Marcuse (1975), expostos a mais-repressão e ao princípio do desempenho, que tem papel importante na sociedade e na constituição de indivíduos que deslocam toda sua energia para o trabalho.

Além disso, a partir da noção de que a violência se caracteriza por atos que impedem que os indivíduos usufruam de sua singularidade (CHAUÍ, 2000) e do princípio de desempenho (MARCUSE, 1975), cabe pensar na violência que pode haver na divisão do trabalho, que pode ser observada em grande parte das obras analisadas. Ainda em “Cinderela”, a protagonista é obrigada a trabalhar por diversas horas a fio, sendo

impossibilitada de ter qualquer tipo de lazer, assim como Quasimodo, em “O Corcunda de Notre Dame”, que passa todo o seu dia apenas tocando os sinos da catedral, tendo sua vida resumida a isso. Apesar de a trama da história de “Cinderela” apontar para questões relacionadas à inveja da família de sua madrasta e a do “O Corcunda de Notre Dame” estar relacionado ao fato de seu tutor mantê-lo na torre para escondê-lo (aspecto que também será discutido), essas cenas podem remeter ao quanto o tempo do indivíduo é voltado apenas para as vivências relacionadas ao princípio do desempenho, ou seja, às questões relacionadas à produtividade e ao deslocamento de toda a libido em prol dessas atividades. Desse modo, cabe considerar que esse atendimento ao princípio do desempenho indica que o indivíduo não pode viver sua singularidade, e, conseqüentemente, aponta para uma manifestação de violência.

Essa forma de violência também pode ser observada em “O Rei Leão” nas passagens em que o leão Scar assume o trono e obriga as leoas do reino a trabalharem incansavelmente em busca de comida para ele e, também, de uma forma um pouco mais velada em “Alice no País das Maravilhas” nas cenas em que o Coelho surge sempre preocupado e afirmando estar atrasado e seu atraso se refere a um compromisso de trabalho. No filme “Mulan”, a obrigação dos homens em servir o país nas guerras também pode apontar para o princípio do desempenho, já que, no momento em que o filme se passa, a servidão à pátria era considerada como o trabalho mais honroso que se poderia ter.

“Mulan” também indica outra forma bastante marcante da violência ao mostrar cenas da batalha entre os mongóis e os chineses: a guerra. Assim como também pode ser visto em “Hércules”, quando ocorre a batalha entre os Titãs e os Deuses. A guerra é uma temática bastante pertinente de ser analisada, pois não se trata apenas da violência física entre povos, mas também aponta para o intenso nacionalismo, para a identificação irracional com os valores coletivos e a grande dificuldade de se identificação de uns com os outros (ADORNO, 2006). Além disso, as guerras também podem mostrar que, afinal, os impulsos agressivos sempre reprimidos e sublimados pela sociedade não se encontram tão ocultos quanto se imagina, pois apesar das racionalizações ideológicas que essas batalhas trazem em si, ficam evidentes as manifestações dos impulsos de morte, além de mostrar que a violência racionalizada parece assumir caráter de normalidade (MARCUSE, 1975) que vai totalmente contra a ideia de que a educação e a reflexão devem agir em favor da eliminação da barbárie na sociedade (ADORNO, 2006).

Outro aspecto interessante de ser postulado sobre grande parte dos filmes analisados é a forma que se resolvem os conflitos mostrados na trama. Em “A Bela e a Fera” o “final feliz”

se dá quando após uma intensa luta, finalmente, a personagem denominada Fera mata Gastão, o suposto vilão da história, assim como em “O Rei Leão”, com a suposta morte (porque, no filme, não fica totalmente claro se ele realmente morreu) do leão Scar e em “O Corcunda de Notre Dame”, quando Quasimodo passa a ser considerado um herói e querido pelo povo quando o juiz Frollo cai do alto da catedral e também morre; em “Hércules” acontece o mesmo, quando o protagonista e a mulher por quem está apaixonado só podem ficar juntos quando Hades, o deus do submundo, é exterminado; em “As Aristogatas” novamente se percebe o final esperado após o mordomo ser mandado para muito longe depois de ser agressivamente atacado pelos gatos; e em “Mulan” isso acontece quando a guerra termina e os mongóis são exterminados. Ou seja, em seis dos nove filmes analisados é possível perceber que a resolução dos conflitos instituídos pela violência também se dá através da violência – aos vilões é proporcionado sofrimento físico e, até mesmo, a morte. Nesse contexto, é possível pensar no quanto a cultura e a sociedade parecem mascarar a violência e a barbárie (ZANOLLA, 2010) quando essa está, supostamente, agindo para o bem-estar da maioria. Esse aspecto pode, também, apontar para a relação cega que as pessoas têm com os coletivos, em que aderem à ideias sádicas, violentas e irracionais (ADORNO, 2006), justificando que as mesmas estão a serviço de uma sociedade mais feliz e mais justa, quando, na verdade, apenas estão perpetuando a barbárie, ao invés de combatê-la.

Outra manifestação da violência que pode ser observada nos filmes assistidos diz respeito às manifestações psíquicas da violência. Além do preconceito que ainda será discutido de forma mais detalhada, é possível perceber em diversas cenas nos filmes analisados momentos que remetem à humilhação. Em “A Bela e a Fera” o assistente e amigo de Gastão é constantemente agredido tanto física quanto verbalmente a todo o momento em que discorda de algo ou faz alguma coisa considerada errada por Gastão; em “A Dama e o Vagabundo” também se pode observar cenas em que há agressões verbais, principalmente na cena em que a cadela Dama é expulsa de casa devido ao fato de a senhora que estava cuidando da casa considerar que a cachorra havia destruído toda a casa, quando na verdade havia sido seus gatos; em “Alice no País das Maravilhas” a violência psíquica é observada principalmente na forma que a Rainha de Copas trata seus funcionários, gritando e os ameaçando de morte constantemente; no filme “Cinderela”, a protagonista é humilhada pela madrasta e por suas filhas em diversos momentos da trama, como no momento em que a madrasta dá mais trabalho do que seria viável para um dia para que Cinderela perdesse o baile, na passagem em que o gato Lúcifer suja as patas e propositalmente suja todo o chão que acabara de ser limpo e antes do baile, quando as filhas da madrasta rasgam todo o vestido de

Cinderela enquanto proferem ofensas a ela; em “Hércules” pode-se ver tais agressões na forma que Hades trata seus assistentes, principalmente na cena em que descobre que Hércules não tomou a poção da mortalidade até o fim; em “Mulan” a protagonista sofre humilhação devido ao fato de não se sair bem no teste para ser uma boa esposa e, depois, devido ao fato de ser uma mulher; em “O Corcunda de Notre Dame”, além das humilhações que Quasimodo sofre devido ao preconceito, a cigana Esmeralda também é humilhada pelo juiz Frollo em diversos momentos da trama; e no filme “O Rei Leão”, isso pode ser visto na cena em que Simba tenta se livrar de Zazu, afirmando que não precisa de sua ajuda para governar, também pode ser observado na forma que Scar trata as leas após assumir o trono. Ou seja, em sete dos nove filmes analisados, cenas de violência verbal podem ser observadas, o que indica que ao invés de a violência ser inserida nos desenhos como algo negativo, ela apenas ocorre, sem proporcionar qualquer tipo de reflexão posterior, ou seja, proporciona imagens acerca de vivências que assumem caráter de informação, mas não incitam reflexão acerca do que é passado (ADORNO, 2006).

Uma forma bastante marcante de violência é o preconceito, que pôde ser observado em diversos momentos nas obras analisadas. Uma das características que marcam o preconceito é o fato de a pessoa não ser percebida pelas diversas características que possui como ter o cabelo curto ou ser tímida, mas sim por aquela que origina o preconceito (CROCHÍK, 2006). Assim, a partir do nome do filme é possível perceber que Quasimodo (o protagonista) é reduzido à sua deficiência física, sendo descrito por ela, assim como pode ser observado no título do filme “A Dama e o Vagabundo”, em que o cão de rua é chamado Vagabundo devido à sua condição social e no filme “A Bela e a Fera”, no qual as características físicas também são colocadas em evidência.

Dentre os filmes assistidos, “O Corcunda de Notre Dame” pode ser considerado como a obra na qual há maior incidência de cenas que remetem ao preconceito. Ainda no início do filme, o juiz Frollo (tutor de Quasimodo) se depara com a aparência do bebê e, imediatamente, opta por matá-lo. Essa cena remete à reação ao preconceito pela rejeição. A característica física de Quasimodo causa tanto incômodo ao juiz, que ele conclui que o portador de uma deficiência não é merecedor de nenhum tipo de apreço e, nem mesmo da vida. Dessa forma, recorre à ideias fascistas de extermínio (CROCHÍK, 2006), optando eliminar aquele que é diferente para não ter que entrar em contato com aquilo que lhe perturba.

A cena na qual Quasimodo finalmente vai até a cidade e é visto pelos cidadãos, que, após considerá-lo o rei da feiúra, passam a humilhá-lo e violentá-lo de diversas formas,

agredindo-o tanto físico quanto verbalmente, novamente remetendo às reações com rejeição. No entanto, cabe pensar no sentido dessa rejeição. Em uma sociedade capitalista, em que os valores cultuados remetem à produtividade e potencialidade para o trabalho (CROCHÍK, 2006), a deficiência física pode ser considerada como um estereótipo de dificuldade de mobilidade e, conseqüentemente, inutilidade para o mercado de trabalho. Assim, o indivíduo que supostamente não é capaz de produzir, pode ser visto como um peso para a sociedade, o que pode resultar em tais sentimentos de rejeição.

Ainda sobre as manifestações de preconceito pela rejeição no filme “O Corcunda de Notre Dame”, é possível ver que a cigana Esmeralda também é um alvo de preconceito do juiz Frollo, que considera os ciganos como os maiores inimigos da sociedade e faz de tudo para exterminá-los. As reações fascistas apontam para uma formação rígida de caráter, na qual há necessidade de ser forte e que as reações frente aos outros se mostram enrijecidas e inflexíveis (CROCHÍK, 2006).

Além disso, o fato de o juiz Frollo desejar exterminar tanto Quasimodo quanto os ciganos aponta para a reação que ele tem ao diferente, fazendo-o descarregar todo o seu ódio naqueles que considera merecedores disso, afinal, os vê como fonte dos problemas, avaliando que se extinguí-los, todo o mal terá fim (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

No entanto, a rejeição não é a única reação existente ao preconceito. Ainda neste filme, quando a cigana Esmeralda defende Quasimodo por se sentir culpada pelo que estava acontecendo, é possível perceber que talvez tenha ocorrido uma reação mimética, na qual Esmeralda exclama que não se deve fazer esse tipo de coisa com aquela “pobre criatura”, Esmeralda pode ter se identificado com Quasimodo, por também ser um alvo de preconceito, fazendo com que ela se sentisse engajada a defendê-lo. Ou seja, sua reação indica uma aceitação exacerbada do diferente, mas provavelmente não por sentimentos genuínos de afeição, mas pela concepção de que Quasimodo é inferior e necessita que os outros o defendam.

Uma das manifestações do preconceito se dá pela rejeição ao alvo, em que esse é tratado com desdém, desvalorização e, em muitos casos, pela utilização da violência tanto física quanto verbal, podendo chegar até mesmo aos desejos de matar a vítima (CROCHÍK, 2006). Desta forma, não apenas no filme “O Corcunda de Notre Dame” é possível observar manifestações de preconceito pela desvalorização e rejeição do objeto. No filme “A Bela e a Fera” há uma cena em que o pai de Bela será internado em um manicômio por ser considerado louco. Neste momento, são feitas muitas ofensas relacionadas à sua suposta loucura, demonstrando grande incidência de preconceito frente a isso. No entanto, é

importante ressaltar que essa acusação acerca de sua condição mental foi iniciada pelo personagem Gastão e seguido pelos demais homens que lá estavam. O fato de outras pessoas aderirem ao que foi dito, indica que Gastão era visto como um líder e como um exemplo a ser seguido, o que aponta para o fato de que o orador que mina a consciência dos demais, para seguir o estereótipo de homem ideal, se mostrando forte e detentor do poder, apesar de ser uma pessoa comum, o que facilita a identificação daqueles que são de certa forma, o público alvo do discurso do líder (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

A loucura apresenta um estereótipo que remete à perda de controle, o que em uma sociedade marcada pela rigidez de caráter e pela educação voltada ao desenvolvimento de potencialidades importantes para o trabalho (CROCHÍK, 2006) pode incomodar. Todavia, apesar de os estereótipos serem elementos importantes do preconceito, não são suficientes para justificá-lo, pois as características fomentadas pela cultura são modificadas pelo indivíduo de acordo com suas necessidades (CROCHÍK, 2006).

No filme “Hércules” é possível constatar o preconceito em diversas passagens, pois o protagonista era alvo de piadas e era rejeitado devido a sua força excessiva, ou seja, devido ao fato de ser diferente. O mesmo ocorre no filme “Alice no País das Maravilhas” na cena em que Alice chega até um jardim de flores e passa a ser ofendida e violentada por não ser uma flor.

Nos exemplos citados acima, se percebe o preconceito com pessoas consideradas socialmente diferentes. No entanto, demonstra o quanto o fato de haver distinções em uma sociedade repleta de generalizações de pensamento que atendem a uma organização pré-estabelecida (ADORNO e HORKHEIMER, 1973) pode gerar incômodo. Em ambos os casos se percebe o quão inquietante as diferenças podem ser, chegando a serem desagradáveis ao ponto de elevar esse sentimento a proporções tão grandes que a forma de lidar com isso passa a ser a rejeição e a violência.

O fato de o preconceito não ser inato apresenta a possibilidade de se lidar com as diferenças de outra forma, refletindo e podendo vivenciar as relações. Porém, em uma sociedade na qual o diferente é introjetado como ameaçador por colocar em risco o *status quo* (CROCHÍK, 2006), uma forma mais saudável de se relacionar com o diferente se torna quase impossível. Assim, quanto maior é a dificuldade de vivenciar experiências e refletir acerca das mesmas, maior é a necessidade de se defender do que é diferente, podendo resultar em rejeição, que é uma forma de defesa frente ao desconhecido sem que haja reflexão sobre o mesmo (CROCHÍK, 2006).

No filme “Mulan” é possível perceber logo no início o estereótipo da mulher como provedora do lar e responsável pela função de cuidar do marido. No entanto, apesar de a cultura proporcionar os estereótipos, é o indivíduo quem dá um sentido próprio para ele, interpretando-o de acordo com suas necessidades psíquicas e inconscientes (CROCHÍK, 2006). Assim, quando há a descoberta de que a protagonista Mulan é uma mulher, se percebe a incidência do preconceito de alguns soldados, que passam a rejeitá-la. Além disso, também se percebe que os soldados que passam a rejeitar Mulan cultuam os valores sociais e morais e as provenientes da cultura em que estão imersos, julgando àqueles que não atendem aos mesmos e os considerando inferiores devido a isso (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Já nos filmes “As Aristogatas” e “A Dama e o Vagabundo” se observa o preconceito relacionado às classes sociais inferiores. Em “A Dama e o Vagabundo” este aspecto pode ser percebido quando o cachorro denominado Vagabundo é ofendido pelos cães que vivem nos bairros destinados às pessoas ricas. Durante grande parte do filme, Vagabundo é perseguido por seu estereótipo, como se o fato de viver nas ruas o tornasse menos digno e, até mesmo, mais perigoso, além de ser considerada a impossibilidade de ele se relacionar com alguém que apresentasse nível social superior ao dele.

No filme “As Aristogatas” a situação é colocada de forma mais velada, porém durante toda a obra expõe as diferenças que marcam as classes sociais altas e baixas, explicitando, por exemplo, a questão da educação, que leva a crer que aqueles que não são “de raça” são, conseqüentemente, sem educação.

A situação retratada por esses filmes possibilita a observação do quanto os estereótipos são fomentados pela organização social. Fica evidente que o indivíduo é considerado superior ou inferior de acordo com a posição social hierárquica que ocupa e de acordo com os bens materiais que possui, o que facilita a dominação, já que àquele que não “cresce na vida” passa a ser visto como incompetente, preguiçoso ou, no caso explicitado, “vagabundo” (CROCHÍK, 2006).

Dessa forma, com base nos filmes assistidos, é possível constatar que a indústria cultural difunde situações que naturalizam o preconceito e, todos com final feliz, o que não proporciona a reflexão crítica acerca das diferenças e dos estereótipos. Além disso, também há a difusão de clichês que facilitam a categorização entre “bom” e “ruim”, por exemplo, podendo prejudicar a reflexão sobre aspectos sociais vivenciados e, conseqüentemente, facilitando a internalização de preconceitos (CROCHÍK, 2006).

Também é possível inferir que todos os filmes contém cenas nas quais há manifestação de violência, seja essa física, verbal ou no sentido de privar o indivíduo de

exercer sua vontade. O fato de os filmes apresentarem tais cenas aponta para o fato de que a cultura realmente parece falsear a violência, considerando-a como parte do cotidiano e, conseqüentemente, como algo normal (ZANOLLA, 2010), quando, na verdade, não o é. Além disso, desenhos animados mostrarem cenas de violência como algo aparentemente normal vai contra a ideia da importância de poder colaborar para que as crianças se horrorizem, fiquem inconformadas e se envergonhem com as cenas de violência que presenciam ao invés de se acostumarem a tê-la em seu cotidiano (ADORNO, 2006).

Partindo-se do pressuposto de que a indústria cultural e duas produções são capazes de reproduzir ideologia (ADORNO e HORKHEIMER, 1973, 1985) é possível inferir que os desenhos animados analisados parecem reproduzir a ideologia dominante, transmitindo cenas que remetem à violência e ao preconceito sob o véu da normalidade (ADORNO e HORKHEIMER, 1973), indo contra o princípio exposto acima da necessidade de reflexão acerca do que é visto e da importância do horrorizar-se com a violência, ao invés de se acostumar. Nesse contexto, é possível afirmar que os filmes parecem seguir a tendência da perpetuação da barbárie e, não, de seu combate, pois passa cenas violentas como se fossem cenas cotidianas.

No entanto, é importante estar atento à que qualquer obra fílmica e produto da indústria cultural não poderia ser considerado como prejudicial e desnecessário à sociedade, pois sua utilização poderia ser para o questionamento e reflexão que deveriam ser realizadas a partir desses conteúdos (CROCHÍK, 2006).

7. CONCLUSÃO

Com a fundação da Escola de Frankfurt, em 1924, críticas acerca das mudanças no mundo contemporâneo passaram a ser formuladas, principalmente ao se dar a ascensão do nazismo, da Segunda Guerra Mundial, do stalinismo e do “milagre econômico pós guerra”, passando a ser denominada Teoria Crítica da Sociedade (MATOS, 1993). Os frankfurtianos exploraram mais profundamente o conceito de ideologia, mas também formularam um dos conceitos mais importantes de sua história: a indústria cultural.

A indústria cultural diz respeito à televisão, ao cinema, às revistas e jornais e todos os demais veículos de comunicação de massa. Essas produções são consideradas mercadorias e trazem em si as supostas satisfações às necessidades dos homens, o que faz com que eles aceitem tais produtos sem nenhuma resistência. Entretanto, a crítica à indústria cultural não diz respeito apenas ao caráter mercantil que foi atribuído à cultura, mas também ao fato de seus produtos trazerem em si a capacidade de paralisar o pensamento crítico dos indivíduos e reproduzir a ideologia vigente na sociedade (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Inicialmente, a indústria cultural visava como consumidores apenas os trabalhadores, mas com o passar do tempo o mercado foi se expandindo e as crianças também passaram a ser alvo de suas produções, sendo os desenhos animados seu principal produto direcionado a esses consumidores (MACHADO e LEAL, 2008). No entanto, a expansão foi tão grande que, atualmente, os desenhos animados são assistidos por crianças e adultos do mundo todo, sendo compreendidos sob a ótica do entretenimento.

Nesse contexto, essa pesquisa teve como objetivo realizar uma análise de nove desenhos animados da Walt Disney Pictures, à luz da Teoria Crítica da Sociedade. A escolha de tal indústria cinematográfica se deu devido ao fato de essa ser considerada uma das mais populares do mundo. No que diz respeito à escolha dos filmes, optou-se por apenas nove, escolhidos de forma aleatória, devido à limitação de tempo dessa pesquisa.

A relevância dessa pesquisa se dá devido à popularidade dos mesmos, mas também devido ao fato de eles não serem apresentados como produtos com conteúdos de violência e preconceito. Além disso, apesar de a indústria cultural ser um tema bastante estudado, a relação entre os desenhos animados e a violência, sob o ponto de vista da Teoria Crítica, se apresentou como uma temática pouco explorada.

No que diz respeito à violência, a análise mostrou que todos os filmes apresentam cenas violentas e suas diversas manifestações: agressões físicas; humilhações; agressões verbais; alusões à guerra; e trabalho penoso. Essas manifestações podem ser diretamente

associadas à frieza e rigidez que a sociedade parece produzir e reproduzir nos indivíduos, dificultando a identificação entre as pessoas e, devido a isso, fazendo com que elas aceitem a violência com maior facilidade. Também é interessante ressaltar que em seis dos nove filmes analisados se percebeu a violência como forma de resolução de conflitos, o que leva a crer que as animações podem colaborar para o falseamento da violência, fazendo com que essa assuma caráter de normalidade (ZANOLLA, 2010) e, pior, que a violência é necessária para o progresso e manutenção da civilização. Ou seja, apesar de os filmes analisados serem apresentados como entretenimento infantil e assumirem, muitas vezes, cunho humorístico, há diversas cenas que, ao contrário do que o humor sugere, não têm nada que possa ser considerado engraçado, pois mostram apenas a crueldade instaurada entre os homens.

Já em relação ao preconceito, foi possível constatar sua presença até mesmo no título dos filmes “O Corcunda de Notre Dame”, “A Bela e a Fera” e “A Dama e o Vagabundo” em decorrência da redução do indivíduo à característica que podem originar o preconceito, como a deficiência física, a aparência e a condição social. Contudo, a temática não apareceu apenas nos títulos, o preconceito se fez presente em seis dos nove filmes escolhidos, neles encontramos pelo menos uma ou mais cenas que remetem a isso, seja de forma mais explícita, como em “O Corcunda de Notre Dame” ou de forma mais velada, como em “Hércules” e “Alice no País das Maravilhas”, sendo que em ambos os casos a reação frente ao objeto de preconceito foi a de rejeição (CROCHÍK, 2006)

A partir das afirmações acima, é possível perceber os desenhos animados como produtos da indústria cultural, eles reproduzem cenas de violência de forma quase sempre velada, fazendo com que essas não sejam percebidas pelo indivíduo, que parecem ter sua capacidade de reflexão paralisadas quando se deparam com as cores, músicas e imagens fantasiosas que oferecem ao telespectador (ADORNO e HORKHEIMER, 1985). Além disso, as cenas analisadas também podem ser consideradas como reprodutoras da ideologia dominante, por confirmarem perpetuarem a realidade vivida pelos indivíduos, pois, afinal, se até mesmo os desenhos animados apresentam cenas de desigualdade, violência, preconceito e afimco incondicional ao trabalho, é porque a realidade está fadada a ser dessa forma.

Em suma, pode-se afirmar que apesar de os filmes analisados não terem suas propostas vinculadas à violência, em diversas passagens é possível observar que a violência está, sim, presente, e em diversos momentos pode passar como despercebida pelo telespectador, por aparentar ser transmitida sob o véu da naturalidade e normalidade.

Dessa forma, conclui-se que os nove desenhos animados analisados apresentam temáticas ou cenas que podem estar diretamente relacionadas à violência e ao preconceito

podem facilitar a introjeção da violência como uma vivência cotidiana e normal, caso não haja a percepção e posterior reflexão por parte do indivíduo, possibilitando colaboração para a banalização da mesma, o que poderia estar agindo em prol da perpetuação da barbárie e não de seu combate.

8. REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- ALLERS, R.; MINKOFF, R. **O Rei Leão**. EUA: Walt Disney Pictures, 1994. 89 min. Color., VHS.
- BANCROFT, T.; COOK, B. **Mulan**. EUA: Walt Disney Pictures, 1998. 90 min. Color, DVD.
- CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia: O discurso competente e outras falas**. São Paulo: Cortez, 2000.
- CLEMENTS, R.; MUSKER, J. **Hércules**. EUA: Walt Disney Pictures, 1997. 92 min. Color., VHS.
- CROCHÍK, J. L. O Conceito de Preconceito *In: Preconceito, Indivíduo e Cultura*. 3. ed. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2006.
- FERNANDES, S. et al. Valores psicossociais e orientação à dominância social: um estudo acerca do preconceito. *In: Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.20, n.3. Porto Alegre: 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n3/a17v20n3.pdf>> Acesso em: 12 de setembro de 2011.
- GERONIMI, C. **Cinderela**. EUA: Walt Disney Pictures, 1950. 75 min. Color., VHS
- GERONIMI, C.; JACKSON, W.; LUSKE, H. **A Dama e o Vagabundo**. EUA: Walt Disney Pictures, 1955. 75 min. Color., VHS.
- GERONIMI, C.; JACKSON, W.; LUSKE, H. **Alice no País das Maravilhas**. EUA: Walt Disney Pictures, 1951. 75 min. Color., VHS.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- HORKHEIMER M.; ADORNO, T.W. **Temas Básicos da Sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- LEAL, C. R. A. A.; MACHADO, B. F. B. A Ideologia No Filme Infantil. *In: Congresso de Educação do Sudoeste Goiano: infância sociedade e cultura*. Goiânia: 2008. Disponível em: <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/view/238/223>> Acesso em: 14 de novembro de 2011.
- MARCUSE, H. **Eros e Civilização**. 6ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- MATOS, O. C. F. **A Escola de Frankfurt: Luzes e Sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.
- REITHERMAN, W. **Aristogatas**. EUA: Walt Disney Pictures, 1970, 78 min. Color. VHS.

TROUSDALE, G.; WISE, K. **A Bela e a Fera**. EUA: Walt Disney Pictures, 1991. 84 min, Color., VHS.

TROUSDALE, G.; WISE, K. **O Corcunda de Notre Dame**. EUA: Walt Disney Pictures, 1996. Color., VHS.

VAZ, A. F. **Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para a reflexão**. Pro-posições, Campinas, v. 14, n. 2, p. 61-75, 2003.

ZANOLLA, S. R. S. Educação e barbárie: aspectos culturais da violência na perspectiva da teoria crítica da sociedade. *In: Sociedade e Cultura*. Goiânia: v.13, n.1, p.117-123, jan./jun. 2010.